

O FILÓSOFO MORTO

CAPÍTULO I – Manifestação

“Aqui, agora, rememoro quanto de mim deixei de ser”

(“Poesias Inéditas” – Fernando Pessoa)

Morri. Sem rodeios, sem delongas, morri. Da condição em que estou, vejo tudo e todos de cima. Não se estranhe, tampouco eu saberia explicar, mas cá me encontro. Se a vida desmantela a lógica, por que não haveria de fazê-la também a morte? E digo, desde já, é uma situação que me apraz. Ainda penso, ainda sinto, me desloco, me encanto. E o melhor, caminhar não preciso mais. Pairo com volúpia por sobre os lagos, cidades, campos. Que sensação!

A respeito de meu corpo, tudo em dia. Por incrível que pareça sinto fome, desejos, dor, cansaço, alegrias da carne, porém bem menos acentuadas essas sensações do que quando pisoteava pela terra ainda vivo. Emoções vêm-me constantemente, essas não faltam nunca. Já ouvi falar que tanto o inferno quanto o céu não são lugares, e sim estados de espírito. Bom, aqui fala-lhes a prova viva. Morta, mais precisamente. Em virtude do que estou passando, as denominações já quase não importam.

Espírito, alma, fantasma. Como me chamar agora? Não ligo. O que vale é esta experiência única. Também aos vivos vale a mesma máxima: experiências. É tudo o que conta, o resto são acessórios. Não dirijo mais meu carro, não mexo nos aparelhos da tecnologia, não posso contar cédulas, não moro em minha casa. Propriedade. Ah, que piada. Mas os vivos precisam dessas referências, eu instinctivamente comprehendo: mundos diferentes, necessidades diferentes. Carrego comigo aquilo que pude viver, isso sim me valeu toda a jornada, eis minha fortuna. Hoje visito lugares e pessoas que outrora ajudaram a construir minha vivência na terra. Relembro os momentos, alimento-os, reescrevo-os, editando a meu bel prazer. Quem disse que também uma pobre alma andarilha não pode sonhar?

À morte não se deveria dar tal nome. Dever-se-ia chamar “Manifestação”. Parece-me que muitas coisas se apresentam com maior nitidez para a minha consciência agora que estou morto. É uma visão menos turva do mundo ao redor. Bem melhor a vista daqui de cima. A tudo aquilo que eu chamava de problema agora são formiguinhas. Longe da

matéria, as circunstâncias são mais fáceis. Que não se interprete de modo errado, viver é bom, mas voar é muito melhor. Tenho cá minhas agruras, obviamente, e sei que não me é permitido, mas se fosse dada a autorização para retornar àquilo que chamam de “vida” eu não o faria. Nem por decreto. Só errar é meu destino. Percebo os fenômenos ao meu redor como se eu fosse parte deles, é uma descrição louca que não sei... será que só morto entende?

Que horas são? Estou atrasado? Minutos, compromissos, tarefas parecem uma gozação agora. A agenda um livro de humor. O calendário uma anedota. Aposentei-me da vida, e o aposentado não sabe se é terça ou quinta. Quem são essas figuras denominadas 'dias da semana'? O tempo, se é que isso existe efetivamente, é precioso: se alguém disser que gostaria que o tempo passasse mais rápido é porque, no mínimo, está desperdiçando algum talento. Mas devo respeitar as condições de cada indivíduo. Não é porque eu morri que devo caçoar de quem ainda se arrasta no planeta, sobrecarregado pelos elementos carbônicos. Afinal de contas, em todo o lugar se pode ser feliz. Ponha-me no pior dos cenários e eu vou dar um jeito de encontrar felicidade mesmo lá. Sim, sou um otimista.

Por falar em lugar, não há ambiente que eu me contente mais em estar do que junto à natureza. Subo e desço as árvores mais altas, brinco nas cachoeiras, piso na areia da praia, acaricio as mais atrozes feras. Isso não tem preço. A selva carrega as nossas baterias. E nem precisa ser floresta completa, basta um amontoado de moitas, algumas folhagens e já me energizo. Pessoas podem, entretanto, causar o efeito contrário. Aproximo-me de cidadãos aqui e acolá, e percebo que na maior parte do tempo o litígio predomina. Nós, as almas penadas, as consciências errantes, ou sei eu lá o que somos, nos deixamos impactar muito por essas vibrações dos vivos. A cada vez que se desfere um xingamento, uma onda é lançada ao ar, invisível, e acaba empurrando uma grande massa atmosférica circundante. Gestos de carinho e palavras doces, ao contrário, são como um ímã: puxam, atraem. Eu voo rapidamente em sua direção, como mariposa à luz. É quase inevitável. Talvez seja por isso que a natureza, ao invés do ser humano, seja tão atraente. Parece que tudo nela está certo, tudo é pacífico. Os animais carnívoros destroçam suas presas pois é a única opção que têm. Não optam pela violência. Os habitantes vivos das cidades que não têm a oportunidade de pôr os pés na grama, ouvir o chilrear discreto dos passarinhos, sentir bater na face a gelada garoa não como uma ameaça mas como um presente, esses são os que têm dificuldade em se encontrar como pessoas. Lamento que o

Homo sapiens tenha se afastado de seu habitat em nome de criar um mais confortável, mas que acaba por exterminá-lo pouco a pouco.

Vago. Percorro. Vasculho. Vejo realidades diferentes, línguas da alteridade, costumes pitorescos. Oxalá cada bendito habitante terrestre tivesse a percepção universal assim como desfruto nesse momento. A pequenez de visão dos inquilinos da Terra é o que dá azo à discórdia. É ela, e ela só, que limita o bom senso. Dependendo da altitude em que me encontro, não escuto mais as buzinas, as sirenes, as risadas desenfreadas. Vamos e venhamos, o mundo é barulhento. Agora, como espírito, percebo o quanto o silêncio é engrandecedor e insubstituível. Mas voltemos à ampla visão das coisas: quando se está no labirinto, estreita-se o horizonte, e para um pobre bípede não resta senão dar com a cabeça em becos sem saída. Ah, se ele pudesse solevar-se, pairar. Veria o labirinto como uma brincadeira das mais ínfimas. Não são assim os problemas do dia a dia dos vivos? Emaranha-se nas armadilhas das dificuldades corriqueiras, e parece não haver saída. E lá vai o pobre cordado, de cabeçada em cabeçada, até achar a estrada justa. Na verdade, ele pode erguer o pensamento e projetar-se para fora desse enredo doido chamado vida terrestre, porém creio que muitos não o queiram fazer. As pessoas acreditam no que veem, e no labirinto só se veem paredes. Árduo alçar voo nessa condição, fatigante tentar imaginar o intrincamento de cima. Então permanecem ali. Solução fácil, resultado inconveniente.

Há outros como eu? Não que os tenha percebido. Sou um finado faz pouco tempo. Estou estagiando no além. Quatro dias? Uma semana? Não conto, só curto. Pode ser que eu esteja em fugaz tirocínio, no ponto em que se prepara para o rito de passagem. Mas o que devo fazer para ser aprovado na julgadora sabatina? Pôr a mão no formigueiro? Vou é aproveitar. Por isso nem percebi se tenho colegas planando comigo. Sabe, pode parecer absurdo, mas a percepção depende da intenção, e muito. Vemos o que queremos, sentimos o que alimentamos. Rasgar os céus é tão bom que não iria fazer diferença encontrar outro maluco dando piruetas por aí. Apesar disso, tenho certeza de que meus semelhantes devem estar em algum lugar. Afinal de contas, somos aos bilhões nesse planetinha. Impossível não notar nosso próximo, somos irmãos. E se eu encontrasse um anjo, ele falaria a minha língua? Não sei se teria os olhos puxados, se a pele seria tisnada ou os cabelos rapados. Essas são alterações accidentais, não mudam a substância. Encontram-se em ambos os hemisférios deste lindo globo o humano branco e o preto, o barbudo e o imberbe, e ainda assim os dois são humanos. As diferenças acessórias deveriam servir

para enaltecer a diversidade e não para segregá-lo. Os Pés Deitados (sim, dei esse apelido aos vivos) têm dificuldade em enxergar a substância, avistando somente os aspectos secundários. Não quero dizer que nós, os Pés pra Cima, sejamos donos da razão, mas temos lá nossas virtudes. Este homem aqui pertence à religião tal, portanto não pode ser meu irmão. O rapaz ali gosta de homens, não toquem nele! Aquele ali é do partido xis, só pode ser louco. Tudo balela. Daqui de cima são todos pontinhos minúsculos, sem exceção. Quando eu mesmo era vivo, também tinha preconceitos, juízos infundados, pareceres incompletos. Coisa de Pé Deitado, difícil mudar.

Adoro a natureza, já o disse. Todavia, dói-me o coração (sim, ele ainda está aqui comigo) ao ver o estado lamentável em que se encontram córregos, montes, atmosfera e matagais. O mais poderoso predador de todos os tempos, aquele que pisa em todos os continentes, não está fazendo o teminha de casa. Degradação ambiental. O nome chega quase a soar bonito. O fato é que cuidar do cosmos em que se habita não é uma atitude de gente bondosa e santa, que vê borboletas em tudo e acaricia filhotes; é, antes, uma preocupação racional: se minha própria casa é destruída, onde irei morar? Um rio marrom acinzentado, com pneus boiando, farto de espuma e tóxicos é um zumbi da vida real. Indescritível. E por mais esquálido que se apresente, ainda o coitado transporta vida e tenta cumprir sua função. Num curso de água poluído está escrito: por aqui passou o homem. É um pesadelo, voo para longe e tento desviar o olhar. Um rio contaminado é o Cristo que, apesar de levar os laçaços da humanidade, continua a correr e transportar vida. A que lhe resta. E o que dizer do ar, do solo, do espaço sideral, da noite, do silêncio, da paz? Conseguimos poluir tudo. Tornamo-nos bons nisso.

Bem, chega de o morto falar somente de si. Ileísmos à parte, quero apresentar um amigo.

CAPÍTULO II – CORTEJO

“Você é o homem do gorro vermelho. Por isso, concentre-se nas poucas coisas que você pode de fato influenciar – e delas, por conseguinte, apenas nas mais importantes. Deixe todo o restante acontecer”

(“A Arte de Pensar Claramente” – Rolf Dobelli)

O pároco local era um tipo único. Na casa dos sessenta anos, era daquelas pessoas com as quais você se encanta pelo simples fato de trocar algumas palavras. Há indivíduos com esse poder, o de encantar. Quando se encontram essas pérolas, devem ser obrigatoriamente guardadas para sempre: elas são guias sem serem professores, são bênçãos sem serem Deus. Lamento informar, não há fórmula exata para identificar um tal cidadão, senão a de confiar em seu próprio radar de afinidade. Ele era assim, extrapolava a função de sacerdote para ser amigo. Era bom em se fazer gostar.

Se nem nós, mortos, somos perfeitos, imaginem os Pés Deitados. Esse pitoresco presbítero fumava incansavelmente. Talvez o fato de tragar o delicioso tabaco o colocava mais próximo de certas ovelhas do rebanho. Admitia o vício, mas mitigava: “Sim, é pecado, mas é um pecado que mostro para todo mundo. É menos sério do que ter que se esconder para fazê-lo. Pecar é não amar”. É incrível como toleramos maus hábitos quando cometidos por pessoas que nos são simpáticas. Aquele, ao contrário, que não nos desce nem por decreto... Ah, a esse não é permitida a menor infração! Em certa ocasião, estava o carismático líder inalando e exalando o gostoso pito com dois paroquianos do lado de fora da igreja. Uma pequena faísca caiu sobre sua calça, e só foi perceber quando a pequena brasa já tinha derretido boa parte da barra. O assunto virou piada, falavam então do “buraco do padre” e coisas do tipo. Qualquer outra pessoa poderia ter ficado furiosa com os comentários. Ele não. Encarava os chistes como pontos que se iam agregando para sua popularidade. Ter a capacidade de encarar com leveza os desafios da vida é uma habilidade que pode salvar a pessoa de sérios transtornos mentais.

Houve uma feita em que duas carolas entraram em feia contenda por causa da posição das exuberantes samambaias que adornavam o púlpito. Uma insistia que a posição das plantas ficava mais bonita assim e assim e assado; a outra argumentava que mais importante seria a praticidade: seria melhor colocar no lugar xis, para que o beato que fosse fazer a leitura pudesse circular com mais comodidade. É impressionante como as pessoas brigam sem notar que ambas podem ter razão! Pé Deitado não aprende mesmo. Havia dois pontos de vista: um estético e um prático, mas o impasse começou pouco a pouco a tomar contornos mais pessoais. Quando se briga, não se digladiam com a razão, e sim com a emoção. Por isso se briga. Fossem usar a parte menos primitiva do cérebro, escreveriam um ensaio cada uma. Peleavam no fundo, no fundo, por algo até que fundamentado, afinal, toda a ciência da arquitetura, exempli gratia, nasceu

especificamente para resolver essa aporia: estética ou praticidade? Podem duas coisas tão distintas e importantes conviver? Mas as dedicadas velhas rezadeiras não queriam muito filosofar – a linda botânica das pteridófitas dava lugar a um confronto mais acalorado: uma acusava a outra de querer sempre complicar as coisas, de não entender o ponto de vista da outra, de achar-se superior e até mesmo que o filho de uma delas isso e aquilo... E quando o rebento foi mencionado, as duas partiram para as vias de fato. Só se contabilizou um tapa, um arranhão e um rasgo de vestido. O reverendo fumava na sacristia, mas quando ouviu tons de vozes menos sublimes que o canto gregoriano resolveu intervir, por sorte, imediatamente, antes que o fogo virasse almenara. Os esporos das inocentes folhas verdejantes eram como que olhos arregalados que assistiam de camarote àquela cena insólita: devem ter imaginado em como é bom ser um vegetal irracional. O religioso inicialmente tentara argumentar, mas vendo que o embate estava em outro nível, jogara-se também ele ao pandemônio. Agora eram três na casa do Senhor a protagonizar o inusitado. Por fim, conseguiu apartar as duas rabugentas, que se ficaram entreolhando, as pupilas fervendo endemoninhadas. Talvez a melhor passagem seria “Não pensem que eu vim trazer paz à Terra”, mas o sábio religioso contornou com Marta e Maria: uma escolheu o espiritual e estético enquanto a outra precisava do prático e material. E foi, dessa forma, contornando o bruto episódio até apaziguar as papa-hóstias que, gradualmente, foram se entregando quiçá não à conciliação em si, mas antes à autoridade da batina. O padre entendia que conciliar consiste em esperar, e que feridas levam tempo para sarar. Compreendeu acima de tudo que as duas precisavam extravasar. Em geral não é o conteúdo o motivo da guerra, e sim os próprios egos. As inócuas plantinhas permaneceram exatamente onde estavam inicialmente.

A capela agora está vazia. Com os embates amenizados, e cada uma das cristãs briguentas em suas casas, reina a paz no sacro lugar onde deveria ser o silêncio o perene rei. O templo que originariamente fora designado para a oração e o encontro com o transcendente, tem dado espaço para a bateria, o pandeiro, a guitarra e o microfone. Mas agora esse santo lugar encontra-se vazio, e as marcas arquitetônicas trazem de volta a introspecção. Fria e silente, cada coluna dórica jaz adormecida, e só muito suavemente reverberam cantos longínquos de canoras afoitas lá fora. Aqui dentro, finalmente, a ausência de ruídos convida-me a dar um passo na comunicação com a deidade que me escuta. Ou seriam deidades? Nunca fui muito afeito a rezas, mas o momento e o espaço estendem o tapete vermelho para que se manifeste e se expresse essa pobre criatura que

nem corpo tem mais. Falar com humanos não é tarefa fácil as mais das vezes; então imagine-se ter como interlocutor um Zeus. As peanhas nos pilares das naves vigiam o inane ambiente, serenas, incólumes que só elas, a trazer um ar sombrio, posto que respeitoso; intrigante, ainda que ditoso. Os bancos de nobre madeira, alinhados, parecem trazer um convite à retidão, à hierarquia, à veneração. Eu tento iniciar um colóquio, pois ao que dizem orar é conversar, e perco-me no propósito. Quando eu pisava a Terra e não podia voar, havia tanto para se agradecer, para suplicar, para perdoar, para louvar; e agora de morto as palavras não me vêm, agora que tenho todo o tempo do mundo. Desamarrado dos afazeres e inquietações mundanas, o que pedir? O que implorar? Sem saber como, subitamente surgem-me antigas fórmulas prontas ensinadas na infância e que se me impregnaram na mente. Recito jaculatórias espontaneamente, e por surpresa elas descarregam em mim um efeito tranquilizante. Então digo-as novamente, e mais uma vez. O que é bom pode ser repetido, afinal de contas. Conexão. Não sei se importa tanto o fato de eu estar sendo ouvido realmente quanto minha realização em me manifestar desse modo. Uma sensação de bem-estar se apodera de meu espírito. Presença. Sinto que posso estar acompanhado, mesmo sem avistar viva alma por perto. Quando prestamos atenção, no silêncio e na contemplação, percebemos que podemos estar rodeados de outras entidades além de nós. Manifestação. A sensação que me sobrevém é de pertencimento, como se estivesse sendo acolhido. Não há ninguém ao redor, mas não importa. Bons sentimentos são oriundos lá do fundo de nossa essência, e não dependem de fatores externos. Pelo menos não deveriam. Incorporação. Beber dessa experiência da liberdade dos ruídos torna-se única, e evoca um entendimento melhor da realidade; uma diluição com os arredores. O piso gélido destoa dos raios de sol que perpassam os icônicos vitrais alaranjados. Algumas plantas afortunadas recebem réstias mais generosas, mas não é questão de justiça, e sim de adaptabilidade. O aroma das velas apagadas ainda paira na atmosfera imóvel. Parece que nem tanto o fogo, mas a fumaça que sobe tortuosa e lentamente, é a melhor representação da busca do elo com a divindade. O ainda tépido rastro branco se torvelinha, voa no ar, retorcendo as curvas de sua breve existência, enquanto se divide, torna-se a unir e, inevitavelmente, sobe, até dissipar-se. Eis o homem, vela apagada, na tentativa de unir-se ao invisível; ele faz subir suas oblações buscando aplacar a fúria dos deuses, mas é parcimonioso na ajuda ao semelhante. Sem que eu espere, surge-me uma vontade de pedir perdão. Estranhamente, contudo, não sei a respeito do quê. Trata-se de um sentimento de culpa surgido do nada? Procuro vivenciar esse sentimento com calma, e logo passo a entender que sim, devo buscar essa redenção,

porquanto nossas ofensas são distribuídas ao longo da vida e quantas e quantas vezes não nos damos conta... Agredimos, culpamos, magoamos, ferimos. Às vezes percebemos nossa maldade, mas muitas vezes não. E assim aprecio e acalento minha remissão.

Em cima, bem no topo do altar, pende o lenho sagrado. Por sobre as duas ripas perpendiculares repousa glacial e imóvel uma estátua do supliciado chorando. A obra realista é um convite eficaz para o recolhimento, a busca do penhor, a introspecção nos mistérios da Graça. O vermelho brilhante tingido nos joelhos, nas mãos, no peito e na frente dá serenidade à cena, desvelando o humano, o imanente, ao mesmo tempo em que denuncia a frieza das instituições, a estultice dos julgamentos mundanos, a crueldade que carimba nossos documentos. Fixo-me ao seu rosto, também esse gotejando o rubro plasma vital. E visto que não sou bom nisso, pergunto-me se tal vislumbre, analisar um judeu pregado num crucifixo, também é oração. Olho em seus olhos, as sobrancelhas contorcidas em dor: é um privilégio estar frente a frente e a poucos centímetros com quem caminha sobre as águas e ressuscita os mortos. Pé Deitado nenhum pode experimentar esse ângulo – sempre enlatados lá embaixo nos bancos duros de madeira de lindo verniz. Observar o semblante de sofrimento, acompanhar as linhas de expressão da boca, o nariz adunco, a barba, o cabelo comprido, é como percorrer um caminho. Isso mesmo, vou me perdendo no itinerário da face, o espelho da alma, o cartão de visitas silente e sóbrio, que revela aos poucos a pessoa e suas manhas. Não parece tão divino vendo dessa forma. Se pudéssemos nos encontrar com ele, trocar ideais, conviver no dia a dia, teríamos a mesma veneração? Torço o nariz e faço um movimento para me retirar, porém me atenho. A circunstância me convida a permanecer mais um pouco. Tenho a agenda vazia para o resto da tarde, pois. Procuro criar uma ligação com a estátua, dialogar com ela, estabelecer uma comunicação genuína. Mas se nem em vida a obra esculpida me atendia, por que haveria de fazê-lo agora? É um monte de gesso, pintado com tinta esmalte brilhoso! Que há de responder a coisa esculpida? Mas não deixo procriar-se a revolta, compadeço-me dos espinhos penetrados em sua carne, do buraco da lança enterrada sem piedade ao coração. Às vezes queremos engaiolar um momento e deixá-lo de reserva para poder usar depois. Assim me sinto. Gostaria de guardar esse instante, que estou tendo com a egrégia escultura, em um jarro; e tornar a visitá-lo quando me fosse conveniente. Mas sei que não é possível. Então entrego-me a observar, meus pensamentos congelam por alguns segundos. Não há palavras, nem gestos, tampouco ardor: simplesmente o existir, ao lado de uma figura proeminente, manifesta e muda. Olho e permaneço, absorvo sua imagem e

me deixo levar pelo instante. Parece que há algo de sublime aqui, mas não há sintagma que classifique tal experiência; nem predicados suficientes para a descrição. Por isso contento-me em apenas ser. Diante dele. Faço meu voo até por trás da cruz, e tento retirar o punhado de teias de aranha acumulado, só para me dar conta daquilo que minha densidade corpórea já não permite mais.

Quanto tempo passei nessa experiência? Não faço ideia, parei de contar os minutos. Sei que em um átimo começou novamente o movimento dentro do templo. Um ou outro gato pingado vai surgindo. Uma das coisas em que mais se aprazia o clérigo era a prática do sacramento da confissão. Tinha ele, sim, uma queda por saber de tudo o que se passava na cidade, mas de fato o que o atraía naquela tarefa sempre realizada no antigo confessionário de madeira era porque podia exercer o papel de psicólogo. Sentia que podia ajudar de fato os paroquianos, e imaginava que seus conselhos seriam de alta validade para todos. Por vezes, esquecia de dar a absoliação, tão concentrado estava no ato de aconselhar. Esforçava-se muito em proporcionar boas sugestões, escolhas, opções, remédios e mudanças de atitude para as pessoas que vinham até ele. Valorizava a coragem de um indivíduo bater no peito e dizer que se considerava pecador, e sentia que muitos se achegavam com estremes sentimentos de culpa e vontade de renovação. Há algo mais recompensador a um pastor de almas? Contudo, começou a perceber que, ao longo dos anos de dedicado sacerdócio, cada vez menos dessas almas vinham se confessar. Outros tempos? A humildade supostamente em falta? Quem sabe. Estava absorto em pensamentos quando de repente desponta uma jovem freira para receber o sacramento. Era uma das irmãs da Congregação do... algo... Coração... Virgem... e mais um nome em alemão cujo comprimento me impede de lembrar. Sempre brincava com ela porque se vestia que parecia um pinguim. Mas o assunto era sério e, portanto, se recompôs rapidamente. Veio se queixar a noviça de que estava com um problema de relacionamento com uma de suas colegas internas. Dizia que a dita irmã fulana era perfeccionista, que punha o método acima do conteúdo em si, que estressava as demais, que não tolerava certos comportamentos das outras e que... De supetão a moça percebeu que o confessor se fechara em copas, e logo entendeu que aquele momento deveria ser dedicado a falar dos próprios pecados e não dos de outrem. Escusou-se e prosseguiu, delineando que havia começado a falar da colega por um motivo justo: ela era o motivo do desentendimento. O homem da estola roxa então logo percebeu que não se tratava de uma confissão, e sim de uma justificativa. Orientou a moça sobre a finalidade daquele momento sagrado, dos

benefícios que poderia obter se mantivesse o coração aberto e modesto. Sim, quantas bênçãos se recebe quando se admite o próprio deslize? Ela recitou o seu ato de contrição e retirou-se, entendendo que o grande problema que vemos nos outros são desenhados pelos nossos próprios olhos, e que fabricamos as outras pessoas conforme os conceitos que já carregamos; vislumbrou de relance que o mundo não seria belo se todos fôssemos iguais. Cansado de ouvir tantas pessoas, porém satisfeito com sua vocação, o confessor precisou sair brevemente do cubículo para se espreguiçar. Só então notou que não havia mais ninguém. Apenas uma beata, sentada no último banco do fundo da igreja, recitava o rosário fitando de longe o rosto do barbudo condenado pelos romanos. O sacerdote teve então um momento de iluminação. Estava coçando os dedos para fumar um cigarrinho, mas aquele recorte no tempo o fez parar e simplesmente contemplar. O sol já se punha, jogando seus derradeiros raios sobre o sacrário. Ele, assim, juntou suas mãos sobre a barriga e apenas olhou. Viu aquele templo bem arrumado, o trabalho que realizava, pensou em todos os fiéis que o seguiam. Sentiu por um instante que nada mais havia para ser realizado: a igreja já tinha tudo. Não havia necessidade de estofar os bancos, nem de pintar a parede externa dos fundos, nem de reformar a casa paroquial. Foi invadido de um sentimento de completude. Respirou fundo e lançou um olhar tênuo ao Criador, agradecendo, louvando, pedindo perdão, tudo ao mesmo tempo. Entendeu que o que realmente importava não eram fórmulas verborreicas prontas e sim a genuína intenção. Piscou os olhos para lubrificar e se deu conta de que já haviam se passado alguns minutos. O vício o aguardava. Fez a genuflexão persignando-se. Precisava se preparar para o próximo compromisso.

A noite seria dedicada a uma cerimônia de casamento. O clima de verão com a igreja lotada e uma atmosfera de alegria tomava conta de todos, não pela formalidade do ato em si, mas pela agradável sensação de que a festa, regada a cerveja, prometia muito naquela ocasião. O padre já estava paramentado, a música de entrada tocando. Ele se dirige ao altar e, descuidado, tropeça na própria túnica, dando três ou quatro cambaleadas até se estabilizar. Não sem derrubar o missal que carregava e provocar primeiro um susto, mas depois uma onda de sorrisos e gargalhadas reprimidas que custaram para sumir. Um furdunço. Como bom trovador que era fez do próprio drama uma comédia, comentando com desenvoltura sua trapalhada: “Eu chego a enrolar as próprias pernas quando vejo gente tão bonita”, ou então “Vocês estão muito sérios essa noite, alguém precisava quebrar o gelo”. A sabedoria de transformar o trágico em mágico. Poucos conseguem.

Aquela missa fluiu como plumas ao vento, estragou a filmagem mas salvou a noite. Ele era um profissional em fazer as pessoas se sentirem bem.

Após o término da liturgia, enquanto todos se dirigiam para a festa, o reverendo saiu à francesa para o lado de fora da sacristia, e ali, tremendo, puxa da carteira seu enroladinho de prazer. A chama do isqueiro incendeia a extremidade, enquanto uma primeira respirada feita com capricho enche os pulmões de volúpia. O ar se solta, envolvendo o ambiente de uma fétida névoa. Ele percebe a alteração na pressão arterial e a sensação de “dever cumprido”. A leve tontura consequente é quase uma obrigação. Quatro respiros. Novamente traga, enquanto explica a si próprio que fumantes fazem isso porque dá prazer. Ponto final. Nada mais a comentar. O ato não tem fundamento psicológico, é desprovido de lógica, é desnecessário e como se não bastasse, custoso. Não tem sentido, e nisso consiste a manobra toda. Passados esses pensamentos, carrega novamente os brônquios com mais gás carbônico, percorrendo todos os dentes, palato, gengivas. Lambe os lábios. Delicioso. Agora solta pelas narinas. Olha o céu e a paisagem ao redor. É invadido pela nicotina, por dentro e por fora. A substância o permeia, o domina, o prende, o deleita. Uma prisão é prisão quando se quer estar nela? A cada baforada vem-lhe o util pensamento de que aquilo está lhe fazendo mal. Mas infelizmente não basta pensar para se mudar um comportamento. Entre uma pitada e outra tenta justificar o vício, mas os argumentos caem por terra, fácil, fácil. Suga mais uma vez, sôfrego e feliz. Só mais um pouco, pensa, “depois estarei livre”. O tarugo queima, encurta, vão-se as cinzas. Inspira. Todo esse ritual não teria graça se não fosse o objeto entre os dedos, a sensação de segurar algo, de preenchimento. Acabou. Finalmente. Com um clássico piparote, a bituca é disparada para uns quatro metros longe. Alívio, satisfação, culpa. Tudo ao mesmo tempo.

Bom, nem só de casamentos vive um vigário. É hora de encarar um funeral. E, diga-se de antemão, ele não gostava nem um pouco dessa lida em específico. Quando podia, empurrava para os auxiliares ministros sem titubear. Mas era seu dever, não podia se esquivar sempre. Tinha se tornado padre porque seu propósito era orientar as pessoas, ajudá-las a discernir, a se envolver com a comunidade. Estava na profissão certa. Melhor, na vocação certa. Mas os enterros lhe desagradavam, eram ossos do ofício.

Lá estou eu no caixão, rodeado de flores. Entendo muito bem por que meu amigo padre não gostava de fazer isso. Não é uma cena a que você queira assistir, ver pessoas queridas deformadas pelo rigor da morte. E eu estou ali. Mal consigo me encarar. Ser espírito é decididamente melhor. Então volto meu olhar para os arredores, quero desviar

a atenção daquele cadáver. Não me pertence, não sou eu. Não sou eu. Vejo alguns amigos aqui e lá, parentes que entram e saem, dois ou três curiosos insistentes e colegas de trabalho olhando para o relógio. Um murmúrio estranho de vozes variadas se dissolve por sobre o recinto, “do que ele morreu mesmo?”, “estão dizendo que dois dias antes de morrer ele comentou com a esposa sobre a morte etc”, “não adianta, era a hora dele” e outras pérolas do tipo. Inicia-se o rito, os tagarelas se calam, os aparelhos eletrônicos são desligados, as mães resgatam seus filhos da correria, o grupo de amigos no fundo para de comer, até que enfim. O ar se enche de formalidade. Sisudos, todos passam a prestar atenção ao presbítero que fede a cigarro. Duas beatas terminam o arrastado cântico inicial. O chefe do culto desfere suas primeiras palavras, e o povo lhe dá atenção. Por dois ou três minutos. Logo percebo que as mentes estão em qualquer planeta, menos na Terra. As pessoas bufam, olham para os lados, inclinam a cabeça. Tentam se manter acordadas. Até para um fantasma como eu isso causa letargia. Mas as formalidades são um mal necessário no mundo dos vivos. Um ritual é uma convenção e algo não é declarado realizado se não estiver no padrão combinado. O alívio das amarras sociais é um dos benefícios de um morto consciente. Segue-se o rito. Pede-se perdão, louva-se, lê-se, levanta-se, canta-se, ajoelha-se. A sequência pétreia seguida pela assembleia aborrece as crianças. Vejo cada vez mais as mentes distantes. “Sentados”. Hora da homilia, e as palavras de meu amigo me fazem voltar à sessão, junto com vários distraídos. “Ele foi uma pessoa de fé, um importante elemento de nossa comunidade, um cidadão exemplar”. Reputação é uma das coisas que mais pesam a um indivíduo que queira se chamar gente, e parece que o falecido ganha uns pontos a mais só pelo fato de não estar mais vivo. É exaltado. Pode ter sido um criminoso, mas se morreu, dá-se uma colher de chá. Não se fala “já foi tarde” nos velórios. Muito difícil. Conclui seu sermão. Tíbio em minha opinião, respeitoso na opinião dele. É engraçado como esperamos algo diferente daquilo que falam de nós. E é muito estranho escutar falar de você em terceira pessoa. “Olhem, eu estou aqui!”, balanço os braços. Não adianta, são dimensões diferentes. A cerimônia se encaminha para o final. A mão que segura o microfone treme, suplicando por um papel enrolado em tabaco. Ele sabe que logo chegará o momento e se apraz com essa sensação. A ânsia é quase mais gostosa que o deleite em si. “Amém!”. *Consumatum est*. Vejo as pessoas ao redor de meu féretro, me carregam, há flores, coroas. Vim ao mundo carregado e saio dele carregado. Ironia do destino para quem sempre se orgulhou em caminhar com as próprias pernas? Vai o cortejo. Desculpem, daqui em diante não quero olhar mais.

A morte precisa existir porque é uma lição de humildade que não se aprende de outro jeito. Eu, daqui de cima, vejo meu corpo e posso dizer com autoridade: a única coisa sobre a qual se é verdadeiramente soberano é o espaço que se ocupa.

CAPÍTULO III – JOGO

“De que porcaria é capaz a minha alma!”

(Raskólnikov, em “Crime e Castigo”)

Cemitérios por aqui são feios. É pedra, cimento e mármore demais. Que se deixe crescer a grama, e se permitam às árvores que vicejem, e que ali passarinhos encontrem refúgio e, principalmente, que cantem. Na verdade, é preciso que fiquem sempre no mesmo lugar os entes queridos? Que sejam espalhadas as cinzas onde lhes aprouver, bom proveito, foi-se a matéria.

Decido não me delongar aí. Não mesmo. Vou é vagar, há lugares mais deslumbrantes à minha espera. Atenho-me a um sítio, que a zona rural me tem mais amor que a urbana. Decido me concentrar nesse pequeno pedaço de terra, que Deus deu uma só, mas que os homens fizeram milhões de pedacinhos. Observo com todo o tempo do mundo (que tem um morto) o que se passa ali.

Parece que a fazenda amanheceu diferente. Havia algo de insólito na atmosfera, um ar difícil de explicar. Por vezes o que chamamos de intuição é um sentimento que nos ronda sem que a razão consiga decifrar. Sente-se, não se sabe de onde. Pode-se pensar, incutamente, que todos os dias são iguais na colônia, pelo fato de que os animais e as plantas estão sempre lá, mas não. Cada aurora faz parir um horizonte renovado, cada ocaso leva embora o instante que já foi. São tais as variações que a natureza proporciona que chamemos de coisa e tal os empenhos agrícolas, menos de rotina. O céu colore as nuvens de uma cor, um passarinho jaz morto ali, uma planta amanhece roída por um bicho não-sei-de-que-tipo, um galho quebrou e uma galinha fugiu. São as variáveis do conjunto como um todo que dão a tônica do dinamismo rural. Reconheço o senhor que ronda a propriedade. Descalço, perambula por entre suas tarefas. Em apenas alguns metros quadrados perfaz uns três quilômetros, de tanto andar. É seu exercício, sua vida, sua lida. Oxalá os habitantes das cidades pudessem colocar os pés no chão. Por quê? Simples, nascemos da terra, da terra brota a vida, e aí está nosso liame. O calçado é a barreira que aparta o filho de sua mãe; o obstáculo que desliga o ser humano de sua origem. E esse capiau mal percebe que está sem sapatos. Ele já criou a conexão necessária, as resistências naturais do corpo contra espinhos e pedras. Ele pode enveredar os caminhos livre das amarras das sandálias. Quase que as picadas dos mosquitos tampouco as sente.

Mas ele está triste. Algo perturba seu semblante enrugado pelos janeiros. A avidez com que desempenha os afazeres da chácara não é suficiente para dizer que tudo vai bem. Amiúde um se esconde por trás do trabalho para não enfrentar alguma outra realidade interior. Então se diz que fulano trabalha bastante e é realizado, mas não se sabe o torvelinho profundo por que passa o pobre diabo. E com que frequência vemos trabalhadores que exibem um sorriso no rosto que nos faz crer que são as pessoas mais felizes do mundo? O que vivem em seus corações, de verdade? O colono agora carrega pasto para o bestiame, enquanto trata um bicho aqui e varre um pátio lá. A impressão que se tem é que queira deixar tudo pronto para um acontecimento importante. Estará aguardando uma visita? Tudo parece perfeito demais no imóvel. Bagunça em excesso e ordem demasiada, e qualquer tolo nota que algo está errado. Tudo está pronto. Quando ele se prepara para sentar e descansar, vê uma pessoa se aproximando.

O outro homem lhe saúda como se se conhecessem há um século. O vizinho está passando na propriedade para lhe trazer um bolo que a esposa assara com desvelo. Eles conversam. O lindeiro de sua terra pergunta se está por receber visitantes, tão primoroso

o capricho da chácara. Ele não responde, só baixa a cabeça e, taciturno, sorri o sorriso amarelado do palheiro. Algumas pessoas não conseguem conter a curiosidade. A vontade de saber da vida dos outros porea ao abelhudo como parte de seu metabolismo. Talvez aquele que mora ao lado de sua casa seja um mal necessário. Ou ajudam demais, ou se ocultam demais. Um vizinho normalmente é um monitoramento de vinte e quatro horas gratuito. Se não nos cumprimenta, são gente estranha. Se falam demais, são inconvenientes; se lacônicos, perturbam em virtude disso. Vendo que não está obtendo toda a informação que deseja, retira-se, falando sozinho. Mais uma olhada aqui e lá e vai-se embora com despeito, as mãos juntadas atrás e o passo lento. Quando foi que perdemos a virtude de entender que o outro tem vida própria, e de que vive ele seu momento, sua dor, seu prazer? A interação social tem seu preço, e alguns pagam mais caro. Agora o velho está, então, sozinho novamente em seu refúgio. Seu trabalho está cumprido, o quintal aprumado, a alimária com a pança cheia. Age como se estivesse pronto para viajar.

O bolicho ficava a pouco mais de dois quilômetros da propriedade. Decidira que um trote a pé não lhe seria problema. O sítio já estava limpo, então podia dar-se ao luxo de uma visita à bodega. Convenceu a si próprio de que iria com o único intuito de conversar com os amigos, não teria a necessidade de beber. Em nossa mente compartimentada, convencemo-nos de xis e no fundo sabemos que acataremos ípsilon. Então é pintado o lindo quadro das mentiras na mente, o homem ideal, o aluvião de justificativas para deixar a estrada pronta ao vício como vencedor no final. Ele parte com uns trocados no bolso, convencido de que serão usados somente se necessário. Pois é. Ao longo do caminho, cresce o inço viçoso nas beiradas, coroando as ricas lavouras que tomaram conta de todo o território. Quando foi que cedemos o espaço das majestosas florestas plurais à medíocre cultura de uma coisa só? Vai os lucros das commodities reparar o assoreamento dos rios, bloquear as ventanias, umidificar o ar? O velho olha com orgulho as plantações, e imagina quanta terra boa poderia ser plantada não fossem os inúteis pedaços de mato que a lei obriga a deixar. Ele é vítima de um sistema ou carrasco da ecologia? Vai trilhando a sua estrada e já vê ao longe a birosca que se mescla ao simples vilarejo.

Não fosse pelo esquálido chão, o ambiente até que seria acolhedor. Já o fedor do álcool preenche cada fresta, tornando a atmosfera única e pesada. O proprietário do empreendimento, carrancudo, coloca uns ovos no vidro gigante de conserva. Ao tocar o fundo, levanta-se como que uma fumaceira vermelha de tinta da beterraba. Dois bebuns

se escoram no balcão, o olhar já entregue, ondulante das pálpebras que teimam na vigília. Um moreno muito jovem ocupa um assento no canto mais quieto do saguão, a garrafa em punho, torcendo a língua para silabar as boas-vindas ao amigo que acaba de adentrar. Não é o ambiente que faz o perdedor, mas ele busca seu conforto primeiro no lugar que o acolhe. Freguês já conhecido do dito empório, o velho puxa uma cadeira no chão cimentado, arrastando e estrugindo pelo ambiente, fazendo quebrar o silêncio. Senta-se junto ao negro. Agora finalmente o dono do bar o cumprimenta, dando a entender que cliente é cliente. Com um sorriso bonito mas desdentado, o mulato lhe oferece o primeiro gole. Quando ele tenta explicar que veio somente para ver os parceiros, um sorriso acintoso desliza da boca do trigueiro rapaz, recolhendo uma baba que lhe escapara. Trocam palavras sobre o tempo e a chuva. Assuntos aqui são escolhidos a dedo. Cala-se sobre o próprio vício, a derrota financeira, o debacle familiar. E o tópico predileto são as causas de suas vidas desgraçadas – o governo assim e assim; a ex-mulher aquilo e aquilo; a empresa tal esse e esse, e a verborreia vai ganhando corpo, porém a culpa do estado lamentável do bêbado nunca é ele mesmo. Em um instante, o cheiro do salame dependurado faz o velho lembrar que estava com fome. Um gatilho é acionado: come algo, se sacia, e vem a sede, e o resto da história todos conhecem. Então ele permite ao ciclo iniciar: ingere sôfrego algumas fatias do precioso embutido. A gordura da carne, o sal, a pimenta, o alho agora são uma orquestra que deleita os sentidos. Ele engole rápido, lambendo os dedos. A primeira etapa está cumprida.

Talvez um golinho somente para tirar o sal da boca, pensa. Com os beiços ainda engordurados da iguaria, recolhe com a língua o que pode daquela bênção colesterolica. Tenta resistir inicialmente. Convence a própria garganta de que água serve. É tudo o que precisa. Começa a levantar a mão para pedir uma garrafa do líquido essencial da vida, mas decide que pode aguentar a sede um pouco mais. Decide trocar mais umas palavras com o parceiro de trago, mas logo a tentação volta a martelar. Imagina que se apenas molhar a boca com uma pequena dose, já estará satisfeito. Nisso, o superego se sobrepõe e grita alto dentro da cachola: vai vencer aquilo. Apesar de sua bravura, as garrafas no refrigerador parecem suplicar sua presença, sua mão, seu afago. Uma intuição repentina lhe persuade que se, de sobressalto se levantar e tomar seu rumo, irá superar tudo aquilo. De uma só tacada sairá do recinto carregando os louros da glória: deixará os ébrios para trás, o ambiente insalubre, as más companhias, a perdição. É então que ouve o estalar sárido de uma tampinha abrindo. E do líquido despejando no copo. E do aroma (ou

fedor?) sem par que exala na taverna. Arrepia-se ao perceber que a mão está tamborilando. É o físico que agora lhe mendiga o trato. Agora são dois contra um: o corpo e a mente contra a pobre resistência. O negro nesse momento percebe que seu camarada de mesa precisa engolir algo, e dá uma olhada para os dois senhores que estão segurando a bancada, querendo fazer graça com o companheiro penitente. Ele não consegue resistir, e agarra o copo, mas o retém ali mesmo, na superfície daquele móvel de plástico pintado de amarelo. O vasilhame cola na gosma grudenta na mesa das servidas e derramadas dos clientes anteriores. Agora ele aperta o copo. Não despejou nada ainda. Só está segurando. Para quem tem o apanágio de assistir àquela cena, dá a impressão de que aquele pequeno objeto de vidro canelado vai querer escapar. Sua sudorese suplica por fitar o copo. O amigo tisnado se levanta e vai ao banheiro logo ao lado. Ao abrir a porta, sobe a fetidez do mijo de pândegos alcoolizados e invade a atmosfera como se fosse um paredão. Mas essa é a menor das preocupações do velho. O ambiente, o cheiro, a circunstância, os arredores, os “amigos”, os sons. Tudo acende um pavio que vai desencadear na explosão da sua entrega ao maldito hábito. Mas ainda há uma réstia de esperança. Vai conseguir dar a volta por cima, vai superar, o seu moral passa a se fortalecer... e por alguns segundos acredita piamente em sua fortaleza. De repente, um cachorro aparece na espelunca, interrompendo sua luta interior. O caramelô agita o rabo, língua de fora, exibindo uma meia orelha, resultado de uma briga já cicatrizada. É seu fiel companheiro. Ele seguirá o dono por todo o trajeto e agora estava ali, num sinal vívido de que terá sempre com quem contar. O pulguento se aninha nos pés de seu chefe e recebe a esperada carícia fagueira. Em um movimento automático (há pensamento aqui?), ele enforca a garrafa e despeja o líquido tão aguardado no copo, derramando mais um tanto na área já batizada por tantos. O cálice da perdição é levado à boca antes de dar tempo de o juízo protestar. A mão foi mais rápida que o tento. De uma só vez, esvazia o conteúdo, que trafega por entre as gengivas e palato, satisfazendo a volúpia de fazer passar aquele líquido ímpar pela goela. Acabaram-se as aflições, as relutâncias. O diabinho pode ter vencido, mas um milhão de explicações ocupam seus neurônios, em forma de motivos bem fundamentados. O principal deles? É porque merece. Deixara a sua propriedade brilhando de limpa. É um homem trabalhador, e de vez em quando precisa se dar ao luxo de uma bebida. E de motivo em motivo, acumulam-se mais três garrafas sobre a mesa.

Somente então decide que é hora de partir. Sim, vai se retirar daquele bando de fracassados. Ele sim tem controle sobre si, sabe quando parar. Cambaio das pernas, paga

a conta. Sai quieto e digno, cabeça erguida. Não é um daqueles borrachos imprestáveis. E ruma para casa, soluçando convicto de que ainda vai ajeitar algumas coisas na chácara. De companheiro, o fiel amigo de quatro patas testemunha o feliz dançar do seu dono bípede, seu mestre.

O caminho de volta parece que deu cria. O estado de embriaguez começou a mostrar sua feia face, e ele retorce as pernas, faz uma meia lua, equilibra-se novamente e retoma a caminhada. Sabe muito bem o caminho de casa, não obstante as curvas, subidas, lombadas e quaisquer obstáculos que se queiram interpor em sua nobre missão de retorno. De repente ele para, fita o céu, o corpo balança para frente e para trás, e um soluço quase o faz vomitar. Os olhos mal se abrem. Precisa retornar. Não vai amanhecer numa sarjeta. O bêbado tem lá o seu brio. Então retoma a caminhada, o cachorro faceiro com o vaivém, pois pode cheirar em todo o canto e distribuir sua urina pelo trajeto inteiro. Há um cheiro no ar que o seu sentido embriagado não consegue distinguir. Pergunta-se se o vizinho passou veneno de algum tipo. A percepção física foi perdendo a capacidade de interpretar os sons, os odores, a paisagem. Subitamente seu estômago embrulha. A dobradinha salame-birita não caiu bem? Provavelmente não: ele se justifica, alegando que o dia está enjoado ou algo assim. É o clima, sem dúvida. O vento bate em seu rosto castigado pelos anos e parece que o conteúdo estomacal quer retornar. Ele engole uma saliva forjada em um instante, e segue a caminhada, cambaleando as pernas, até que em dado momento dá um passo apertado demais e pisa numa pedra solta, que primeiro o faz perder o equilíbrio, tronco pra frente, braços abertos, e em um segundo está seguro de que não irá cair, mas o esqueleto retoma a posição para trás e, desengonçado, perde a orientação e cai de bunda no chão empoeirado. Queda doída, aperta os olhos. Maldito caminho de pedras soltas! Governo que não cuida das estradas, vizinhos que não fazem manutenção, clima que não ajuda...

Achega-se finalmente à propriedade. Sente o corpo cansado, a cabeça dá voltas. Precisa parar um pouco, esfriar a testa, recuperar o estrago no organismo. Lava o rosto resolve deitar-se. O ser humano considera-se o maioral, sobre suas duas patas, ereto verticalmente, o soberano das galinhas e dos porcos, mas é na horizontal que tem a sua fonte de poder, seu elixir magno, e sua derradeira morada. O efeito do álcool começa gradualmente a atormentar mais e mais aquele cristão já fragilizado pelos anos. Ele põe a culpa na última bebida fermentada que tomou, e não diz ai sobre as incontáveis anteriores. “Maldito alemão, dono do bar, não sabe fazer um salame que presta”, vocifera

em pedaços de sílabas, já na cama, um olho aberto e outro já entregue, o indicador em riste, como se resolvesse alguma coisa. Tudo gira. Vira-se de posição, peida, iça os braços, esfrega o couro cabeludo com as mãos. Espicha e encolhe as pernas e nada adianta. A vertigem é mais forte, e o atinge cada vez mais. O conteúdo estomacal começa a protestar: gordura, fermentado, enzimas digestivas, tudo se prepara para uma ebólition. O órgão-rei do trato gástrico reclama a agressão sofrida. O comportamento do bebadão não passará impune, ah não. A elongada víscera proclamará seu direito. Soluça. De novo. Algo não está bem. Ele logo imagina que vai ter que regurgitar. “Uuuac!”. Nada, apenas ameaça. Por mil demônios, como desejaria estar na privada. Mas a tontura não o autorizou a deixar o leito. Abre e fecha os olhos, numa tentativa de conter aquela revolução biológica. O bicharedo grita ao longe, está na hora de dar-lhes de comer novamente. “Logo mais irei”, pensa. Primeiro precisa descansar. Mas a céfaleia pulsa nas artérias, como se estivesse martelando, querendo sair. Subitamente, mais um impulso do peristaltismo revolto. Não adianta, tudo aquilo que havia sido ingerido agora quer voltar. “Por que não sossegam lá dentro?”, rebela-se. Ele quer dormir, simplesmente apagar, mas o mundo rodopia. Pensa por um momento que vai juntar forças e ir até o banheiro para fazer o escarcéu por lá. Então se impulsiona, firma-se nas ripas do estrado e consegue sentar. Vitória, mas o movimento abrupto fez intensificar os soluços, e de súbito uma golfada sobe até a garganta... e ele consegue conter, engolindo novamente a avalanche. Vai conseguir chegar à privada, convence-se. Não haverá sujeira naquele cômodo. Nunca mais irá beber. Está prometido. Água. Por que não tomar água? Os questionamentos vêm e vão, e o arrependimento é bom, mas primeiro deve pagar a conta do metabolismo. Mais uma ameaça contida. Ainda sentado na cama, as mãos firmes na madeira. A quem assiste, parece que está esmagando o móvel. Uma mosca pousa na testa e começa a perambular. Os bois e os suínos continuam seu protesto. O calor lhe tortura, o atordoamento lhe infecta. “Merda!”. Bruscamente, de um golpe só e com velocidade maior que o pensamento, sem avisar, a coisa vem pra cima, invadindo o esôfago, abrindo caminho e acidificando tudo por onde passa. Chega à cavidade oral, já pastosa e espumando e a vítima solta finalmente a sua golfada, de um jato, esparramando-se pelo piso, causando respingos nos recantos mais longínquos. Uma obra de arte de um colorido monótono. Pelo chão ele observa bolhas, líquido amarelo, nervos do salame, e gosmas esverdeadas que não consegue classificar. Então sente-se finalmente aliviado, foi-se o fardo. Agora vem a bonança. Vai poder tratar os bichos que não param de berrar. Observa aquele amontoado pegajoso: não é de se surpreender de que o pobre estômago não quisera aquilo.

O certo era voltar mesmo. Reflete sobre o assunto, enxugando a baba azeda. A caca lhe provoca um asco profundo, e ele vira a cara. Ninguém gosta de contemplar a própria secreção. A saliva sai de nossa boca, mas não cuspimos num copo para depois tomar. Ele não se contém e torna a olhar e examinar a imundície como um detetive. “Grãos de arroz? Quando foi que comi mesmo?” Não tem tempo de terminar o histórico alimentar e mais uma erupção sobe com toda a força. Não há como controlar. A carga viscosa dessa vez invade até as narinas, suplicando para sair por onde couber. “Mais um pouco e sai pela orelha”, pensa. O nojo de ver as melecas espalhadas só agrava o quadro. Terceiro jato. O chão de seus aposentos viraram uma pintura abstrata de tons pitorescos. Na tinta arremessada sobre a tela a triste verdade do homem e os seus exageros. Quarto jato. Um momento, nada sai. Apenas a ânsia, o sobressalto, os olhos esbugalhados. Só baba. Parece que agora as vísceras estão, por fim, inanes. Começa a recompor-se. Enxuga as laterais da boca na manga da camisa, e já aproveita para tirar o suor da testa. Lágrimas ainda correm dos olhos, mas está aliviado. O pior passou. A catinga ainda infecta o quarto, e não sairá tão cedo, mas respira fundo. Levanta-se e vai, arcado, até a estrebaria. Os bichos agradecem.

É nesse momento que ele decide se sentar num tronco grande, usado para cortar lenha, e ali ele deixa o momento existir. Sente o zéfiro em seu corpo como nunca antes, tem a impressão de merecê-lo como prêmio. Pensativo, e com o olhar indubitavelmente cansado, ele escondia todo esse tempo uma pistola na mão. Não gosto da cena mas, cada vez mais atento, me aproximo do homem da fazenda. A curiosidade vence o medo e me ponho à sua frente.

O cenário é bucólico, e a simplicidade me derrete em encanto. Uma casa simples, de madeira, toda alpendrada, dando vista para um vasto terreiro à frente. O gramado deu lugar ao chão batido de tanto pisotear sempre no mesmo trilho, as folhagens perduram nos arredores da morada e, na parte de trás... Ah, na parte de trás há uma lagoa, ladeada de capim, destacando as borbulhas aqui e acolá dos seus ariscos habitantes undícolas. Nada pode ser mais recompensador do que acordar com uma vista para um espelho d’água. Ao lado da mórdica residência ergue-se um frondoso pé de guajuvira, muito antigo e retorcido pelos anos. Há por acaso como não vislumbrar a paisagem? E para avolumar a beleza, o sol brilha primaveril por sobre todo este recanto.

De sobressalto, o maltrapilho leva o revólver até em cima da coxa. Arregalo os olhos para ver o que se passa, metade curioso e metade assustado. Já imagino o que está

para acontecer. Um ambiente magnífico, mas um indivíduo deprimido. Nem sempre o lugar nos determina. Fosse assim os moradores dos palácios dariam pulinhos de júbilo em cem por cento do tempo. A vida humana é poderosamente mais complexa do que os arredores.

Ele olha para longe, não para de ponderar. É como se estivesse fazendo cálculos. Quase dá para ver as linhas de reflexões saindo de sua cabeça. Muito se pensa nesta vida, mas nem sempre para as melhores decisões. As mais das vezes, quanto mais pensamos, mais há dor. A dor da descoberta, da verdade, do confronto. Ele aponta a arma para a lateral de seu crânio. Olha fixo para o horizonte. Gotas de suor começam a percorrer-lhe a fronte. Apertam-se as sobrancelhas, a cabeça faz o movimento de não, e o aparato volta a deitar sobre o fêmur, em desilusão. Desiste. Por ora. Após um suspiro profundo, volta a deixar a coluna ereta, e soluça. Mais respirações a galope e muito suor. Seus lábios como que querem falar, mas só se movimentam, sem som algum. Com um olhar para o passado revive cenas de toda a sua caminhada terrena, passa a mão cheia de calos por toda a cabeça, esfrega os cabelos como se precisasse arrancar o couro. Nem aí com o penteado. De que valem as vaidades diante do peso da existência? Sua perna treme suportando o equipamento mortal de ferro já ruço, que é acariciado como a solução final para todas as angústias. Parece que chegou o momento. Resoluto, agora o braço alavanca com firmeza e rapidez aquele objeto que será o último que irá segurar. A boca se abre, involuntariamente inquieta, e se fecha. A saliva transita para fora, ainda azeda do vômito. O coração sai pela boca, os pulmões gaguejam, o corpo balança, o semblante não pode ser mais tétrico. Parece uma manobra tão fácil, é só apertar o gatilho no fim das contas, mas aquele insignificante ganchinho agora pesa vinte toneladas. Pensamentos, emoções e acima de tudo lembranças passam na frente de seus olhos. Está para largar tudo. O punho se contrai mais e mais, os músculos se enrijecem. Olha para o céu impossivelmente lindo lá em cima. Não há mesmo como voltar atrás? Será essa a solução? De repente, tarefas corriqueiras banais vêm à sua mente. Esquecera de passar uma vassoura na varanda dos fundos. Por que diabos esse tipo de preocupação viria num momento assim? Nossa mente é uma sequência de armadilhas. O revólver agora está firme na tēmpora. Não parece haver mais volta. É o momento fatídico. Eu vejo aquela atormentada alma daqui de onde estou e não posso fazer nada. Nem mesmo deixar uma palavra amiga, talvez um consolo, ou mesmo dar um grito. Quiçá se voltaria atrás? Subitamente um disparo quebra minha linha de pensamento. O eco vaza pela atmosfera, as pombas voam para

longe e o cachorro solta um grito de susto. Ali somente o vento parece ter continuado o seu eterno labor. O corpo, agora imóvel, em uma mistura de alívio e mistério, se sustenta por dois segundos, até que tomba enfim, ainda quente por sobre a terra. A mesma mãe terra que faz nascer, também faz a colheita final. Os olhos vão se esvaindo enquanto o mundo escurece para ele. Vai-se uma vida na medida em que a cor escarlate brilhosa inunda a poeira do solo, deixando o rastro de uma existência que se termina em um átimo.

Volto meus olhos para longe dele. Dói a lúgubre cena. A vida é um jogo, e todo jogo tem suas regras. Simplesmente sair da partida assim do nada quando há outros participantes não é justo. Talvez abandonar o tabuleiro seja uma salvação para a pessoa que o faz, mas certamente não é uma boa solução para as demais. Elas ainda querem brincar, e precisam dos companheiros para que a coisa tenha graça. Cada pecinha do tabuleiro tem seu significado, cada movimento sua relevância. Perde-se uma rodada, ganha-se outra. Não é assim a vida? Mas quando a náusea do existir pisa com força, apagam-se as luzes dos olhos, e não se vê o parceiro ali ao lado, não se nota a falta que irá fazer, a criança com quem deixará de brincar, o vira-latas que perderá sua referência, o amigo que perdeu a parceria nas cartas. Temos todos uma função social, um papel que cumprimos como ninguém no planeta. Só nós podemos atuar ali, naquele cenário. Substituíveis, sim, a nível profissional. Únicos, todavia, no ontológico.

Mas meu pai não pensava assim. Sim, aquele cadáver ali jazendo ao chão, outrora me proporcionara a vida. Quanto esforço, meu Deus, quantas angústias, para do nada terminar tudo desse jeito? Não pergunto o porquê de sua atitude, nessa hora evaporam-se os porquês. Esse tipo de ato derradeiro não atende aos pedidos do bom senso. Era um homem bom, pelo menos do meu ponto de vista. Mas tampouco aqui existe alguma explicação, já que morrem os bons e os maus. Sofrem alguns moribundos por anos, enquanto para outros simplesmente se lhes desliga o botão. Puf! Morte boa, morte ruim, dissolve-se a definição em nossa pobre filosofia, mortal e barata. Mas o homem é parte do teatro da vida, e tenho a impressão de que aquele pedaço de paraíso rural agora já não reluz como antes. Não consigo aceitar, mas a paisagem se delineia diferente. Foi-se o brilho. Como o navio do grande Teseu, a chácara simplesmente não é mais a mesma sem aquela peça fundamental. Nossa percepção está amarrada às emoções, e por isso vejo a casa, a lagoa, o gramado tudo com nuances empobrecidas. Os peixes pararam de saltitar, o cachorro sossegou. A sábia guajuvira contempla todo o plácido ambiente. Serena e meditativa observa assustada as loucuras dos bípedes racionais. Racionais?

Quanto a mim, vou descrevendo o instante, que é a única coisa que importa e é só o que tenho. Hoje é o dia mais feliz da minha vida, pois é o único de que posso desfrutar. Por mais desastroso e melancólico que possa ser um acontecimento qualquer da existência, ainda será o dia mais feliz da vida. Sonham os tolos com o amanhã, divagam os loucos sobre o passado, mas só o presente é o que está nas mãos. O tempo não é nada mais que elucubrações. Preso no átimo, o homem investiga, grita, alegra-se, triunfa e perde, somente para descobrir que precisa urgentemente viver o agora.

As pombas voltam, ressabiadas, para os seus galhos. Eu, porém, devo partir. Novos ares me aguardam. Algo, entretanto, me prende ali: o sol já começa a trocar as cores do horizonte, e vai se deitando calmamente, buscando também ele seu descanso. As matizes que se formam são um espetáculo gratuito, e quem sabe por isso mesmo tão rotineiramente esquecido, que se apresenta todo dia com um cenário inédito. Nuvens também integram a festa neste palco e não deixam por menos, produzindo sons silenciados de um tom rosado indescritível. A grande bola de fogo desce gradualmente, preguiçosa, mas garrida, junto com seus preciosos raios. É preciso dar lugar à noite. Ele é astro-rei, mas também tem seu limite. A paleta de pintura de tantos espectros vai cedendo ao branco, ao cinza e por fim ao preto. É a dança das horas, o giro necessário, o vaivém dos tempos. Sabe-se lá quantos contemplaram essa gigantesca tela espatulada de hoje? É o fim de um ciclo. Sinto que estou a tardar aqui na chácara, já está escuro. Ora bolas, um morto e um fantasma, que cena! Não me surpreende, mas também a nobre dama chamada noite tem sua beleza. E eu não resisto. Atenho-me mais um pouco, meu trabalho é contemplar. Não bastassem os vagalumes a driblar o caos do ar, começam a despontar os lindos luzeiros no firmamento. As estrelas, elas estão sempre lá, e há milênios dão vazão às mais loucas fantasias do ser humano. Elas recebem nomes de deuses, não por nada. Fascinantes, elas observam a vida aqui na Terra, onde os sons, noctívagos, começam a tomar conta da atmosfera. É possível algo ser sombrio, belo e misterioso? Bom, essa é a noite. Quero partir, mas aguardo um pouco mais. De repente, viro-me e me dou conta de uma enorme bola amarela no céu, que raptava toda a beleza para si: cheia, exibindo suas crateras ela ilumina o grande breu com seu esplendor. É a musa dos poetas, fonte de inspiração a quem quer que ame a arte, um queijo gigantesco que coordena as marés. Como não vislumbrá-la? Abaixo a cabeça e percebo que estava boquiaberto o tempo todo. Vejo seu reflexo nas lentas ondas do lago. É hora de partir. Agora de verdade.

Um grupo de luzes ao longe me detém a atenção, uma cidade próxima. Ela me convida a trocar os ares. Vou-me. Adeus, meu pai.

CAPÍTULO I – Urbe

“Eternamente mordidos pelo bicho-carpinteiro da velocidade urbana, consumimos o luxo das raras pausas, sonhando ou perseguindo a tranquilidade perdida do mundo rural. Dentro de nós, o impulso à pressa se alterna com o impulso à calma, do mesmo modo que o nosso espírito nômade cede de vez em quando ao nosso espírito sedentário. Mas o ócio é uma arte, e nem todos são artistas”

(Domenico de Masi – O Ócio Criativo)

Achego-me, enfim, à cidade. Morada dos deuses do consumo, antro das vaidades e receptáculo da imundície, ela se ergue majestosa no horizonte com seus presunçosos edifícios, como se morar em caixotes alinhados verticalmente fosse o máximo da expressão do primor arquitetônico. Bom, a necessidade faz coisas que o bom senso desconhece. Ainda é noite, e eu me deparo com praticamente a mesma atividade frenética que esse aglomerado urbano iria ter à luz do dia. Fico perplexo, pois nunca me havia dado por conta: depois que pudemos iluminar as sombras com a força elétrica das lâmpadas, o Sapiens não dorme mais! A eletricidade é o fogo de Prometeu, o qual permitiu ao homem ser inaceitavelmente senhor também do dia e da noite. Em nome da comodidade, apertamos o interruptor a nosso bel prazer. Plic. Plac. Pronto, sobrepujamos o sol e a lua. A regra até então era das mais simples, a de acordar com a aurora e a de adormecer com o ocaso. Mas o bípede primata não aceitou essa gaiola. E como desdobramento vejo pulsar uma indústria de soníferos, calmantes, revigorantes, energizantes, ansiolíticos. Dormir? Acordar? Excitar-se? Comprazer-se? Há remédio para tudo. As pessoas sofrem

se esbaldando na química para driblar a própria mente, quando seria tão profundamente simples obedecer ao ritmo da natureza.

Perambulo por uns instantes e já o grande luzeiro do dia abraça as planícies com seus raios, trazendo vigor e sonhos a um novo despertar. Todavia, começam a se ouvir as buzinas, os primeiros transeuntes se deslocam, os sons e os odores dão a largada para o agito, lojas abrem, jornais são arremessados. A grande norma aqui é a pressa, não a qualidade. Fomos lastimosamente perdendo a capacidade de fazer as coisas com calma, dando lugar ao consectário retrabalho.

Faço-me passar por entre as frestas, o concreto, as vidraças e avisto uma cena singular, que não posso deixar de ilustrar. Em uma padaria, um cliente obeso e bem arrumado pede uma minipizza, uma coxinha e uma coca. Às cenas clássicas assisto com gosto. Enquanto aguarda, corre-lhe saliva na lateral dos lábios. Está visivelmente apressado. Precisa engolir aquilo, para poder se lançar fora, para poder chegar a tempo no trabalho etc. Ele tem fome de Erisictão, e deixa transparecer pelos olhos, pelo orifício oral, pelo corpo inteiro. O pedido não chega, há outros clientes para atender. Vê a hora, morde o beiço, espicha o pescoço aqui e acolá espionando a causa de “tanta demora” para o seu saudável café da manhã. Passaram-se talvez 40 segundos desde que fizera a solicitação ao atendente. Uma eternidade. Os Pés Deitados acreditam que pensam com o cérebro, mas outros órgãos fazem esse trabalho amiúde. Quem está a mandar agora? O intestino, a bexiga, os testículos, o nariz, o estômago? Sim, eles também mandam, e como. O funcionário do estabelecimento finalmente vem em sua direção, avental branco, prato em mãos, sorriso no rosto. Está a apenas a um metro e... desvia e entrega ao cliente da mesa à frente. O gordo começa a balançar o pé embaixo da mesa. Lambe os lábios, esfrega as mãos nas coxas, olha para o lado. Ele sua. Está atrasado. Seus pensamentos já estão lá no escritório fazendo o trabalho por ele. Os olhos se arregalam. Blim! Ouve a campainha, “agora é o meu”. Sim, a refeição chega. Ele engole a saliva, mal tem tempo de agradecer ao jovem garçom, e ataca sôfrego as vítimas banhentas de seu prato. As calorias vão invadindo suas entradas com tanto prazer... Há pouco tempo para respirar. Bocadas. Bocadas. Continua bufando, engole, geme, mais mastigadas, e a comida se revolve pelos dentes, língua, gengivas, e uma pasta viscosa viaja para o esôfago, deixando-o feliz, como se tivesse ganho uma guerra. A gordura vai acalmando-o aos poucos. Um copázio de coca e gelo arremata o furdunço todo. Não é uma refeição, é uma batalha; não é alimentar-se, é compactar volume goela abaixo. O refrigerante desce, fazendo arder a faringe. Goles

intercalados e violentos se sobrepõem às respirações. A bebida chega ao estômago, de sobressalto. Leva até a boca o último pedaço de coxinha, mas não dá tempo de engolir, pois sobe de volta à superfície um arroto silencioso, fedorento, delatando todo o conteúdo ingerido há segundos, só que agora azedo, temperado com suco gástrico. Vitória. Comida socada, pode-se até que enfim ir adiante. Não tenho como ignorar a demência de todo o processo. Suas feições já são outras, um leve sorriso ficou rotulado na face. Ele paga o caixa e se despede. Um retrato da sociedade lipídica hodierna. A pressa passou! É impressionante como viramos especialistas em desprezar o momento atual. Não se vive, se empurra. Qualquer que seja a atividade de agora, já estamos pensando no que fazer daqui a dois minutos. Engole-se o presente, e como sobremesa temos um futuro que não existe.

Sigo adiante. Aquele cômico indivíduo de proporções graúdas também me deixa uma lição de vida. Não há pessoa que não nos ensine algo. Basta conviver. O vaivém dos pedestres aumenta na hora de sair para o trabalho.

O gordo caminha rapidamente em direção ao seu local de trabalho. Durante seu passo apertado cruza por uma mulher que me salta aos olhos. Passo a segui-la. Ela traja roupas esportivas, dando passadas largas, saltando por entre os cordões e passeios da urbe agitada. Em seu veloz deslocar, percebo que não está suada. Deve ter saído há pouco. A bela representante do sexo feminino se esquiva de postes, pedestres e hidrantes. Está se afastando da aglomeração. Mira um parque próximo, onde o olhar alcança as árvores e um grande lago, em vez de monstros de concreto armado. Caminha soberana, o olhar para cima, somente uma garrafinha de água em punho, uma visão celestial. Há beleza no caminhar – a fisiologia entrelaçada, a determinação incólume do ponto de chegada, o pulsar da homeostase, tudo canaliza para o nobre objetivo: um pé na frente do outro, em marcha, com a única e singular meta de... mover-se. Não se é bípede por acaso, o vaivém das pernas contrabalança os pesos corpóreos e a harmonia dessa dança se desdobra em pura performance equilibrada. Quando nos propomos a uma atividade física como essa, basta a intenção para já nos deixar felizes. Solvitur ambulando. Nossa trote nos acalma enquanto nos fortalece, envolve o físico enquanto libera a mente. Finalmente ela chega ao parque quando, ao passar pela entrada, espanta um casal de pássaros furtivos, ladrões de migalhas de pão. A visão daquele par de aves lhe provoca um sorriso no rosto. Avança por aquele espaço livre das buzinas enlouquecedoras dos veículos, olha as árvores majestosas circundantes. Quem caminha liberta um espírito aprisionado. Logo deve

chegar ao lago. Ela presta atenção aos sons dos passarinhos, os quais fazem ronda tomando conta dos galhos. O sol invade os interstícios verdes dos ramos, desenhando formas de sombras móveis nos gramados. Ela anda e observa sorrindo a poesia da natureza, escrita em linguagem geométrica. Respira-se clorofila ao adentrar esse mundo pitoresco. As coxas da dona andante balançam cá e lá com violência, e a cada metro vencido uma satisfação psíquica: o físico cansa para a mente descansar. Sua cabeça está visivelmente envolta em pensamentos, quiçá de seu trabalho, mas à medida que penetra mais naquele espaço de cores verde limão, seu semblante vai gradualmente se libertando das amarras e preocupações. Edificam-se parques nas cidades porque o espírito exige. O betume opõe, a terra vivifica. Está contornando o lago agora. Apenas crianças gritam esporadicamente, vigiadas pelas corujas mães. Circunscrito por folhagens floridas brancas, aquele reservatório gigantesco surpreende simplesmente por existir. Um pássaro mergulha subitamente na plácida superfície, vai escolher seu manjar de direito. Todo aquela cena encanta a caminheira enquanto circunda as águas. Então ela para seu trajeto subitamente. Os canarinhos olham desconfiados. O ritmo foi interrompido. Alonga-se, esticando o tronco para baixo, as mãos encostando no chão. Flexibilidade é não só vida, mas a chave da sobrevivência em geral. Curte o momento, que a preenche de energia vital. Levanta-se novamente e, com os braços empurrados ao máximo para cima, permanece túrgida, parece estar agradecendo por poder vivenciar um momento tão minúsculo mas tão valioso. É hora de voltar. Mais algumas espichadas de membros e retoma em poucos segundos seu itinerário. Vai regressar para casa com a alma fortalecida, com a circulação vibrante, o coração grato. É o poder do andar, a bênção dos músculos esqueléticos, a ventura das duas poderosas hastes de sustentação do corpo.

Ela chega finalmente à cidade. É gente demais em um só lugar para o meu gosto, então decido voar para o alto, mas não tanto, que daqui só vejo telhados sem graça. E porquanto pessoas são mais interessantes que telhados, desço. Imediatamente avisto um apartamento que me salta aos olhos. Conheço o prédio. Trata-se de um imóvel caro, com uma decoração invejável (quando o bom gosto se encontra com o dinheiro, os resultados são esteticamente extraordinários). Pertence à caminheira. Circula lá por dentro, suada de seu recém finalizado trajeto. Aí decide banhar-se. A água que escorre na pele é uma fonte de ressureição. Faz-se uma ducha para se lavar, sim, mas também o cérebro ganha seu quinhão com a atividade. Tomar banho é acordar pela segunda vez. Pronto, já está vestida. Por que a pressa? Ela anda da sala à cozinha e da cozinha para a sala. Não consigo

entender o porquê. Arruma o vestido, joga o cabelo para trás, ajusta o brinco. Passa as palmas das mãos sobre o abdômen por repetidas vezes, como se fosse querer limpar algo, mas está perfeita. Abaixa-se e puxa mais o sapato de salto alto. Está de impecável vermelho. Ela olha pela janela e obviamente não me vê, o pobre espectro diáfano. Dá uma baforada, balançando os lábios. Está esperando alguém. Claro que sim. Agora percebo. Ah, minha querida, a quem pertence agora? Confesso que tive um lampejo de saudade do corpo físico somente para encontrá-la novamente. Eu a amava, do meu jeito, com meus mil defeitos, mas a amava. Só de pronunciar as três sílabas de seu nome, já me vêm à mente a mágica da conexão. O apego, esse demônio constante, nos persegue até depois do túmulo. Tê-la em meus braços, apalpar, envolver, suar, viver. Alimento esse gozo só em minha mente. Mas não dá. Um morto e um vivo... não dá. Então me contento em monitorar. Aguardo mais uns instantes quando de supetão a campainha soa. Estou para conhecer meu concorrente, e talvez eu não queira. Saio voando. Mas a curiosidade vence a minha altivez e, como cachorro arrependido de orelhas pra baixo, retorno. Sim, agora quero ver. Ela se dirige à entrada, destranca com avidez sem conseguir disfarçar o largo sorriso de feições simétricas. A porta se abre: é uma moça. Visivelmente mais jovem, com trajes esportivos, em minha opinião desleixados, mas também bela. Elas se abraçam. Respeitam uma formalidade recolhida até adentrarem o apartamento. Dão-se as mãos, vão juntas até o sofá. Um champanhe é servido e... continuam de mãos dadas. O que comemoram? Trocam sorrisos, conversas e gracinhas. Ambas têm o cinturão de Afrodite, exalam o encanto que atrai a quem quer que desejem. Beijam-se. Tocam-se. Compartilham o momento juntas. Eu observo com fixação, prazer, saudade e inquietude. As mãos delas se fazem encontrar como se fosse um rítmico cortejar de dois lindos passarinhos em uníssono. Amam-se, e por isso se entregam. O ar da sala se transforma, parece que os arredores silenciam como que para conter aquele átimo. Entre os suspiros, deleites, afagos, há sentimentos de culpa talvez? Tudo se enrola em uma única coreografia. As caprichadas vestimentas, antes todas arrumadas em seus detalhes mais absurdos, agora se amarraram em desdém. Roupas são símbolos, e quando os símbolos caem, surge o conteúdo. Segue o galanteio. Aprazem-se na carne. Estro: o vaivém de delícias é em um instante interrompido pelo ápice do encontro, aqueles poucos segundos que fizeram valer o processo todo. No ar cheiram-se cores, os organismos palpitan, os corações-locomotivas operam no máximo enquanto os pulmões correm atrás do estrago, sequestrando todo o oxigênio possível em respirações a galope. No gráfico matemático

do amor, a curva do cume agora inicia sua lenta descida. Os metabolismos se acalmam e sobram só as pulsações enrustedas. Entrelaçam-se. Adormecem juntas, abraçadas.

Pergunto-me se ela é feliz. Seu semblante pelo menos não nega. Até que ponto posso julgar uma forma de amar se nem sequer julgar a mim cabe? Se a moral proíbe e a biologia abraça, sabe-se lá quem ganha o cabo de guerra dentro da cabeça de um amante. Mas as pessoas escolhem, e escolhas devem ser respeitadas. Ela foi muito mulher, e agora continua sendo muito mulher. Os caminhos do ser humano vão se desenrolando, mostrando possibilidades, enquanto que revelam aos poucos o zigue-zague da evolução e do amadurecimento pessoal. Não fui traído, fui esclarecido. Se eu odiar vou sofrer mais que o meu alvo. Sempre é assim.

Pessoas têm propósitos diferentes na vida. O meu, por ora, é vagar. A cada capítulo de minha existência que agora revivo, acabo por aprender, e por isso continuo a crescer como indivíduo. Sigo meu itinerário mal traçado, feito de caos e coincidências, e nesses erros vou me encontrando. Navego no horizonte perdido dos ares. Uma janela, todavia, em um outro prédio não longe dali me conduz a atenção. Encontro o homem gordo novamente.

Desta vez, em seu escritório, no andar térreo. Vejo que há alguns outros poucos funcionários no escritório com ele. Em sua mesa percebo documentos, planilhas, contratos. E um generoso pote de balas de goma coloridas. O ambiente burocrático me delata sua profissão. Em apenas um instante percebo que sua rotina é ficar sentado o dia todo. Computador, cadeira, papéis, carimbos, café, ar-condicionado, canetas. É, o trabalho nos molda, queiramos ou não. A sua atividade profissional, só de olhar já me dá tédio. Penso em ir embora, mas de certa forma me identifico com o sujeito. Ele contata clientes. Fala ao telefone, digita um pouco, manda mensagens e por volta olha janela afora a fim de vasculhar algo ou alguém interessante na rua. A pobre cadeira que suporta seu peso se reclina, se arca, gira, range e volta ao lugar. Ele pensa. Mais que isso, reflete. Está para dar retorno a um cliente, mas ele se contém e pondera... Que palavras usar? Quer convencer, mas não ofender; precisa conduzir a negociação, mas não pode pôr tudo a perder. Toda atividade profissional consiste em lidar com pessoas, mesmo que o foco sejam pedras, plantas ou animais. Trabalhamos para resolver o problema de alguém, do contrário estariam desocupados. Ele parece ser um empregado dedicado. Envolve-se no que faz. É feliz? Só pelo fato de estar bem arrumado e sorrir ao telefone não conseguimos deduzir. Ele recebe uma mensagem e começa a ler. Seu semblante vai

mudando, algo o preocupa. Alguma transação não deve ter dado certo, uma recusa talvez, quem sabe um xingamento. Um escritório pode ser um campo de batalhas. Quando se mexe com dinheiro, os nervos ficam facilmente à flor da pele. Relê a mensagem e começa a teclar a resposta. Morde os lábios, fica agitado. Apaga tudo o que tinha escrito. Repassa mentalmente o texto. Vira os olhos para cima como se pudesse encontrar uma resposta na branca pré-laje do teto. Balança a cabeça, escreve mais uma vez, mas não envia a resposta. Levanta e se dirige à mesinha do café, mesmo com o telefone tocando, possivelmente mais um querendo lhe tirar a paz. Um colega o chama, solicitando uma informação. “Só um minutinho”. Derruba a porcaria do açucareiro no chão. No balcão de atendimento um insatisfeito xinga o atendente. Em uma fração de segundos aquele que era para ser só um ganha-pão se transforma num inferno vivo. Já não sabe o que fazer primeiro, as tarefas se apinham dentro de seu córtex. Recebe uma notificação de uma reunião que começará em dez minutos. Precisa de ar, mas se sente culpado por retirar-se de seu cubículo, então se senta novamente em frente à escrivaninha. Mais mensagens para responder. Olha para a sua agenda e conclui que conseguiu realizar três dos doze compromissos que tinha agendado com afínco. Como será o fim de semana dessa criatura? O que faz quando chega em casa à noite? Um generoso punhado de balas de goma vão à boca.

É fácil para alguém olhar de fora e dizer algo do tipo “se não está feliz, troque de emprego”. Entretanto, um ofício é muito mais do que uma atividade, é a vida da pessoa. Por vezes até sua identidade. “Não conhece o fulano? Ele é funcionário do banco tal”. Nosso labor constrói nossa identificação. Quando se é parte do problema, é mais difícil achar a saída.

Toque de recolher. A tarde conclui a jornada, todos anseiam retornar para casa. Terminado o horário de trabalho, o rechonchudo pensa nas tarefas xis e ípsilon que podem ser terminadas no conforto de seu sacro reduto. Levamos nossa vida ao trabalho, e o trabalho às nossas vidas. Pensa somente em chegar no seu canto, colocar os pés no sofá, espreguiçar-se. Jura para si mesmo que, uma vez no seu egrégio lar, irá tomar banho e ler alguma coisa, dessa forma descartando a tentação da grande tela plana da sala de estar. Sim, e irá comer somente frutas para o jantar – sabe que precisa se alimentar apropriadamente e está determinado. Vai ser uma noite produtiva e saudável. Isso. Dirige-se com confiança a um tráfego aloprado. Ao deixar o escritório já é invadido pelas buzinas rabugentas, os gritos ofensivos, as freadas desonradas, os passos apressados dos pedestres que, sem exceção, só querem uma coisa: fugir daquilo e entrar em suas moradias, como

se fossem elas o ápice daquele dia. Como espírito, eu acompanho o vaivém, os rostos esperançosos e frustrados, os esforços de uma humanidade que procura se organizar em meio ao caos. Sem perder meu amigo de medidas descomunais de massa, observo cada vivente dirigindo-se à sua residência, seu baluarte, sua âncora. Os ruídos da cidade vão aos poucos ralentando, e em um movimento único, o universo encaminha cada troglodita para sua caverna. Finalmente, o balofe para e passa a olhar com atenção um prédio. Deve ser ali sua morada. Fica frente a frente com a porta de entrada e começa a tapear os bolsos. Onde colocara a chave? Aflige-lhe a ideia de que tenha esquecido no local de trabalho. Teria enfiado na maleta, junto com os documentos? Nada. Mais uns golpes com a palma da mão aqui, ali. Zero. Não poder acessar seu paradeiro sagrado num fim de tarde significaria sua ruína. Subitamente, percebe que precisa mijar. Desgraçadamente lembra das inúmeras xícaras de café engolidas de modo inconsequente. Transpira. Aperta o pinto e contorce as pernas. Já não há ninguém por perto, um ou outro perdido que passa e o cumprimenta rapidamente. Pensa por um instante em chamar o vizinho do apartamento ao lado, mas francamente talvez prefira urinar nas calças a ter que depender de um sujeito tão arrogante e imbecil. “Vizinhos, ah!”, pensa com desleixo, considera-os um mal desnecessário. Apalpa-se novamente, e o desespero começa a tomar conta. Como um objeto chato talhado em ferro tão minúsculo pode dar acesso a uma porta daquele tipo, tão imponente, pesada e sólida? Olha para cima, talvez haja alguém na sacada ou uma janela aberta de onde algum outro condômino que fosse lhe convidar para entrar... mas mesmo se entrasse no prédio, deveria ainda poder acessar o próprio apartamento. Que tormento. Solta a maleta dos documentos no chão e bate a perna no passeio, com raiva. E no desferir o golpe, escuta um tilintar. “As chaves!”. Balança-se novamente para escutar de onde está vindo aquele som mavioso, tão esperado e pulcro. Do outro lado da rua um sujeito passeia com o cão, e não consegue esconder o riso de ver aquela pobre alma, com todo o seu tamanho, a chacoalhar-se sem parar. Finalmente ele percebe que o molho ficara alojado na barra da calça, bem embaixo, por dentro. Pergunta-se como que diabos as danadas foram parar ali, somente para se dar conta do bolso roto. Poderia tê-las perdido no trajeto, mas não. Ficaram ali, bem guardadas, para sua salvação. Olhou para o céu e agradeceu a Deus pela existência das barras de calças. Que linda прédica! Agora iria encarar a tarefa hercúlea: abaixar-se e alcançar, mas a pança constituía o grande obstáculo. E corria contra o tempo, contra cada gota que seus rins deixavam passar adiante, aumentando a agonia. Torcia-se, rebolava, curvava-se. Nessa refrega de contingenciamentos, escapa-lhe uma pequena leva do líquido amarelo na cueca, tamanho

o sufoco. Mas consegue alcançar as chaves, por fim! A inocente gratidão às barras agora deu lugar a um grito incontido, um palavrão. É como se dissesse algo do tipo, “Sim, eu sou o cara!”.

Elevador em manutenção. As escadas do edifício lhe oferecem épico óbice. Entre o suor e o joelho esquerdo que lhe suplica ajuda, até que enfim chega-se à porta da sua morada. Após breve reverência, adentra e lança-se voraz para o banheiro, a maleta também ela voa para o sofá. Então deságua não só seu turbilhão contido de diurese aprisionada, mas toda a ânsia, a prisão, o peso do seu dia. Só então dá-se o mérito de jogar-se, desleixada e vitoriosamente, no sofá. Esquenta para si uma suculenta lasanha, depois outra e por fim mergulha no sofá. A tela colorida vai passando o noticiário, uma novela, um filme. O conforto é o ópio do homem. Enquanto digere lentamente a substancial refeição, os programas vão lhe acalmando e trazendo o torpor característico pós-prandial. Jazem os livros na sala, ironicamente próximos das prometidas e intocadas frutas.

A cidade abafa. Sinto cada tijolo como se fosse uma grade de prisão. Se eu tivesse um estômago de verdade ficaria nauseado. O que eu fazia quando me sentia assim e não podia voar? Vem-me novamente um quê de pena dos Pés Deitados: quiçá quantos labutam dia e noite engaiolados em suas pequenas veredas para apenas no futuro gozar (nada garantido) de um repouso num lugar mais sossegado? Enfurnam-se num cantinho da cidade para um dia morar na praia! Batalham hoje para amanhã poder morar numa linda casa no campo! O quanto disso se concretiza, não sei.

Despeço-me com deferência e comiseração do homem gordo. A cada um a sua sina, cada Narciso com seu lago. Decido continuar.

CAPÍTULO V – Animais

“Um raro rinoceronte selvagem à beira da extinção provavelmente é mais feliz do que um boi que passa sua breve vida dentro de uma jaula minúscula, alimentado para produzir carnes suculentas (...). O sucesso numérico da espécie bovina é pouco consolo para o sofrimento que o indivíduo padece (...). Ao longo da história, o aumento drástico

no poder coletivo e o visível sucesso de nossa espécie andaram de mãos dadas com muito sofrimento individual”

(Yuval Harari – Sapiens: Uma Breve História da Humanidade)

Há tantas coisas sobre as quais ver e discorrer. Nesse mundo afora cada centímetro tem um significado, em toda centelha há uma lição. E nesse momento, apenas me desloco para fora do ambiente urbano, e ali se ergue uma construção robusta e feia, enorme e sem cor. Uma edificação quadrada, não há design, nem graça, nem detalhes. Na fachada a gigantesca inscrição “Frigorífico Alguma Coisa Blá Blá”. Tenho a impressão de que a própria atmosfera que circunda o ambiente cheira a desgraça. Não só pelo evidente fedor, mas pela natureza óbvia do “serviço” ali prestado, pois a carnificina, os berros, o processamento, os químicos, tudo acontece precisamente neste local.

Impressão minha ou parece que até as nuvens insistem em rodar por lá, como se a iluminação não alcançasse aquele funesto ambiente? Observo um jovem entrar em uma sala, paramentado de branco, o semblante amargo no espírito e a faca afiadíssima em mãos. Na descrição de sua atividade se lê algo do tipo “estaçao de tratamento final higienizado”, belíssimo eufemismo de “matança”.

Então chega a primeira leva de mercadoria. O quadrúpede se aproxima inocente, e só agora entendeu que trocara o ambiente da fazenda por aquelas quatro paredes brancas. O deslocamento até ali já fora um suplício: um apinhamento de seus semelhantes dentro uma carroceria, espremidos em um diminuto espaço, em que se quebram membros com os solavancos, escorregando na própria merda. Quem se importa? Vão morrer de qualquer modo. Quanto mais unidades transportadas, maior o lucro. Conforto é desperdício. Esse volumoso animal agora pergunta onde foi parar seu pasto, o céu aberto, o vento e a água fresca. Mas agora ele caminha, cabeça baixa, enfileirado com seus companheiros de espécie. O homem de branco vai olhando a nova manada de proteína, com os olhos quase fechados, alheio ao sofrimento deles, e já amaciado pelos anos de profissão, contando cabeças e calculando se fará em tempo recorde sua atividade. Mais alguns passos e o ruminante começa a perceber que algo está errado. Os gritos daqueles que foram à frente já se fazem ouvir, e ele arregala os olhos e começa a se agitar. Tem inteligência suficiente para entender que se trata de algo ruim. Não há língua, mas há linguagem e aqui tudo comunica. Inutilmente começa a se debater, como os outros. Chifra

para cima, para os lados, mas acaba só por machucar aquele que vai à sua frente. Sente falta de sua cria, que lhe fora subtraída em virtude de propósitos gastronômicos distintos. O elo mãe e filho é indestrutível. Mesmo para estas pesadas e possantes bestas, e constituindo-se no que chamamos de instinto, existe o afeto, a ternura. No seu habitat eles se lambem, ficam juntos, se cheiram, se completam. “Onde está meu filho?”. Os batimentos cardíacos se atropelam e o desespero começa a tomar conta do ar, em uma bruta sinfonia de mugidos agonizantes. A fila vai sendo tocada, as commodities vendidas em arrobas poderiam destruir tudo aquilo numa rebelião, mas vão andando, mesmo com uma pata quebrada ou algo assim. Uma ferroada de choque elétrico motiva na direção que se deve ir, ainda que resvalando pelo chão estercado e mijado. Aqui e lá umas poças de sangue se misturam ao excremento, fazendo-se misturar o sagrado e o profano, já que na hora do desespero os esfíncteres não mais obedecem. Debate-se, inutilmente. Acotovelase, esbarra, gême, empurra, tal qual os outros, mas nada faz efeito. Nesse momento já se pode ver o acovardamento que se sucede, ao chegar sua vez: todos são suspensos, ainda vivos, com um gancho metálico dolorido que transpassa a cocha, enquanto uma pesada máquina transporta esses gigantes por um sistema de roldanas até o momento fatídico. De cabeça para baixo, em movimento, mal consegue se agitar, os olhos parecem saltar para fora, tamanha a pressão. Quatrocentos quilos balançando no ar. O algoz com a faca se aproxima. Eu viro o olhar para o lado, mas a cena acontece independentemente. A lâmina aguda da adaga rasga o couro com precisão, perpassando veias, artérias, músculos, tendões. O precioso líquido é coletado logo abaixo do cadáver, enquanto ainda se agita em aflição. Nesta indústria eficaz, da carniça tudo se aproveita. O pouco espírito que ainda lhe resta se esvai lentamente, ofegando cada vez menos. A última cena que assiste é o lindo rosto do rapaz sorridente que grita ao colega “só mais doze hoje!”, a face respingada de gotículas vermelhas. Tudo escurece para a vítima pendurada. A visão já perdera. Ainda resta, contudo, um pingo de percepção, em segundos cada vez mais raros de existência. Sente o corpanzil chacoalhar, o couro está sendo retirado. Ainda não desligou por completo, resta-lhe só mais um segundo, somente para sentir seu próprio retalhamento. Apaga. Grande alívio a morte quando os derradeiros momentos são de agrura. Os bifes nas mesas tranquilas e belas dos restaurantes e lares estão garantidos graças ao bravo trabalho dos rapazes. Quem são esses trabalhadores, e com o que sonham à noite? Da boca para fora talvez digam que para eles é um afazer normal, o de arrancar a vida de um ser senciente. Resta-me somente compaixão. Pela mão que segura a faca e pela vítima.

Sei bem que a história dos homens se confunde com a caça em seus primórdios. Mas é a história mesma a nos ensinar que hábitos podem ser melhorados e progressos feitos. A carne envenena, as plantas curam. Indubitavelmente, comer animais é ingerir morte, não importa como ela tenha acontecido. A fim de que a costelinha assada chegue ao prato, foi necessário padecimento. Quantas e quantas dessas criaturas são diariamente torturadas, sacrificadas, moídas? “Genética melhorada”, “cortes nobres”, “tratamento humanizado”, “de procedência”... Palmas ao sapiens sapiens! Linda poesia para ocultar um crime! O ápice da Criação, assassino em série de espécies inteiras, se gaba de seus libidinosos churrascos, desdenhando as formas de sofrimento imputadas. Há alguma crença, na história da humanidade, que tenha incentivado o consumo de cadáveres de animais? Não, pelo contrário, todas repudiam completa ou parcialmente a carniçaria. Na sabedoria das grandes religiões está o ensinamento de que a matéria puxa à carne, abrindo mão da evolução espiritual. O ato de mastigar tendões, músculos, sangue, ossos, vísceras, couro, não é senão que a expressão gastronômica do vil, do rudimentar, do tosco. O que acontece com o seleto filé deixado à temperatura ambiente? A putrefação toma as rédeas, as faces mais grosseiras da morte ali jazem, enquanto os vermes gorduchos fazem a farra. Nesse meio tempo, o legume jogado em qualquer lugar acaba brotando, trazendo uma nova vida. A partir daí que desabrochem as conclusões. Se estou consumindo um cemitério ou um jardim, eis a questão.

Depois de morto foi que notei isso: não consumimos carne, é ela que nos consome.

A visão daquele lugar de tormentos me apunhala por dentro. Quando levanto voo para fora do hecatombe, o ocaso já acaricia o horizonte. Em um campo, vejo pombas retornarem a seus ninhos nas árvores, levando nutrientes para seus filhotes. A pomba! Praga urbana ou símbolo da paz? Ela espreita lá de cima tudo o que ocorre. Atenta, arregala os olhos a qualquer barulho, que não há policial mais dedicado que uma mãe para com os seus rebentos famigerados. Não longe dali um casal caminha com seu amigo de quatro patas, em uma bela coleira dourada, mas sem guia, correndo livre e dando pinotes. O pelo do bicho é loiro, parece ter saído de uma cena de filme, balança ao vento. Daria bela foto. Com certeza foi ao salão de beleza dos pets. O casal conversa com ele, como se entendesse, lhe faz carinho, joga um brinquedo. Ele o agarra e não devolve. Brinca incansavelmente. Deve ser de tenra idade, tamanha a energia. Julgo que tanto o rapaz quanto a moça trabalharam fora o dia inteiro, e agora desfrutam de uma hora de sossego com a alegre companhia canina. Quando voltarem para casa vão comer um

delicioso assado bovino para o jantar, não? As sombras da noite já começam a invadir os últimos intervalos de luz. O rapaz chama o brincalhão de focinho comprido com um assobio, mas o danado não obedece, e continua a perambular e saltitar no campo. Cheira aqui e ali, volta, pula, balança o rabo. A moça tenta chamá-lo e nada. Ele começa a acoar para um amontoado de arbustos. Seu latido é agora um pouco diferente de antes. Olha atentamente para aquela moita, investigando com a fuça, girando a cabeça e erguendo as orelhas. De repente, as folhas se mexem. O casal observa ao longe. Do emaranhado de galhos secos surge uma serpente. Sim, a encarnação do mal, o pérfido e malévolos réptil sem pernas, que causa pavor a qualquer um. Mas aquela ali é sua casa, e pergunta-se como um mamífero abobado perfumadinho ousa invadir seu tugúrio assim do nada. Ela se contorce, em posição de defesa, observa, põe a língua para fora. Precisa proteger sua prole. O “melhor amigo do homem” late sem parar, patas dianteiras baixas. Seu grito é um alerta, algo não está certo. O rapaz percebe a atitude completamente diferente de seu parceiro, e vai se aproximando. Ele vê a cena do duelo que está para acontecer e fica assustado. Aquele inocente quadrúpede curioso não faz ideia do que é se meter com um rastejante pecilotermo. O moço alerta a namorada para ajudar a encontrar um porrete, uma pedra ou qualquer objeto que sirva de utensílio para matar aquela coisa peçonhenta. Eu, como fantasma, observo o espetáculo e me pergunto quais criaturas são boas, quais malvadas, quais comestíveis, quais úteis, quais repugnantes. A garota acha um pedaço de galho grosso e imediatamente joga para o rapaz. Sem pestanejar ele começa a bater no perigoso e perverso ofídio, que tenta se defender mas, sem nenhuma chance, resta morto afogado pelas pauladas. A mocinha bate palmas, vejam todos, o herói subjugou o monstro! Irão contar esse feito épico por gerações. Não por nada, mas pagaram uma nota por aquela raça peluda, com certificado de pedigree, não poderiam vê-lo morrer por uma reles picada de um réptil de descampado qualquer. Eles se afastam do local. A mãe de escamas jaz esmagada junto à sua ninhada.

O casal se prepara para retornar a casa com o fiel companheiro saltitando. O episódio da cobra será narrado como uma saga sem precedentes. Mas em um instante, como se tivesse surgido do nada, o rapaz começa a claudicar e vai ficando para trás na caminhada. A rapariga então retorna para ajudá-lo. Não percebera, mas durante o duelo com o iníquo dragão um espinho encravara no pé, próximo ao garrão. Pedacinho de vegetal maldito que, bem naquela hora, resolvera entrar onde não devia. Enquanto a adrenalina estava em alta no metabolismo do valente efebo, a dor não se fazia notar.

Coisas da evolução. No calor do combate as farpas viram detalhes, não é mesmo? Até mesmo nas discussões acaloradas. Agulhadas são sentidas quando a poeira baixa. E o rapaz, agora já de cócoras, sente que não pode continuar a caminhada com o mesmo vigor de antes. Ele roga ajuda da companheira para tentar remover o alfinete invasor. O detalhe é que a noite já mostrou sua face, e a luz é parca. Ajudam-se para chegar ao próximo poste de luz, onde a noiva irá examinar a ferida. Sua especialidade são imóveis, mas no ermo logradouro sem fim, ela é eleita a melhor médica disponível. Procuram por alguma viva alma, mas ninguém aparece. Pés Deitados acham que estão sozinhos o tempo todo, mas nós adoramos vigiar. Ela examina o calcanhar sujo, tem dificuldade para enxergar o objeto invasor. A falta de luminosidade nos afeta, e não é só pela visibilidade, mas a escuridão carrega consigo um quê de desespero. O pio de uma coruja de campo ao longe não ajuda em nada o casal. É escuro, estão por conta própria, precisam bardar o cachorro que não para quieto e de quebra retirar aquilo do pé.

O sentimento de desamparo recrudesce à medida que as sombras da noite tomam conta de tudo. Só então a moça começa a pressionar pontos diferentes da área plantar, a fim de identificar a farpa. A dor é difusa, parece estar aqui e ali. De repente, em uma de suas cuidadosas amolgadelas, o rapaz dá um grito – “Aí, bem aí!” Uma vez identificado o problema, a solução está a caminho. Uma das piores angústias dos que vivem sobre este planeta é a indefinição. Ela, cuidadosa, foca bem a visão e consegue precisar a região atingida. Percebe uma leve bossa, sinal do processo inflamatório que se inicia. A pequena montanha está mais vermelha do que o resto. O espinho deve estar ali. Angustia-me olhar e não poder ajudar, sinceramente gostaria de intervir, mas pelo jeito meu destino é observar, qualquer que seja o propósito nisso. Mais umas verificadas e finalmente um acume preto é avistado. É o intruso! O paciente olha de soslaio contorcendo a boca. “Acha que devemos retirar?”, ela pergunta, mas já com a intenção de fazê-lo. Decidem que é conveniente fazer a extração, mas com o que? Afinal de contas, o ferramental cirúrgico não está à disposição. Talvez as unhas compridas, no dia anterior pintadas de rosa muito suave na manicure, possam ser de utilidade pública, enfim. Inicia-se a cirurgia, ela se concentra, sabe que vai causar sofrimento alheio, mas precisa tentar com todo o seu empenho. Na primeira pressionada, o rapaz só fecha os olhos bem cerrados, sabendo que de nada adianta se mexer. Terá que aguentar firme. Não deu certo, o penetra continua lá, soberano. Agora vai: ela mira novamente com as unhas e se prepara para mais uma ofensiva e, mesmo tremelicando, fixa bem os olhos na ferida e com a máxima atenção...

até que o cão dá uma puxada repentina na guia e sai correndo atrás de um gato avistado ao longe, a moça caindo de bunda na calçada. Danado! O fugitivo é recuperado, mas não sem uma bronca bem guarnevida da parte de ambos os donos. O rabo entre as pernas e as orelhas abaixadas já denotam que o recado foi compreendido. Terceira tentativa de procedimento de retirada do espinho. A jovem, já impaciente e afoita para retornar para casa, desfere sem avisar o último apertão: pressiona com raiva e talante a área afetada de uma vez. “Aaaaaaiiiii”. Resultado nulo. Apenas mais dor e quem sabe um problema acentuado. O artefato vegetal embrenhou-se mais fundo ainda. Desapontados, optam em retornar mesmo assim. A frustração é uma professora eficaz. Vai-se o casal finalmente para casa, exausto e com fome, o rapaz mancando. O cão continua álacre a caminhada junto aos donos, alheio a tudo. Combinam que o jantar será bife.

Por fim conseguem chegar ao apartamento. Acompanho cada passo do casal com afinco. O noivo tem a prioridade para tomar banho. Precisa desesperadamente daquela água quente escorrendo nos ombros, e sente que tudo vai melhorar após o contato com aquelas gotas correntes. Não por nada, mas o sapiens, mais hídrico que seco em sua composição, encontra conforto, diversão e bem-estar nas águas. Ele abre a torneira, o jato escorre sagrado pelo corpo, causando alívio. Ele não sabe se entrou naquele cubículo com box de vidro com o intuito de se limpar ou de simplesmente fechar os olhos e escutar o rumor do líquido batendo em sua epiderme, enquanto escoa por cada reentrância, cada curva, cada orifício de seu corpo. Deixa esse processo acontecer com a boca aberta, os olhos fechados. Um banho é um transe. Renovador, altera nosso espírito. Não surpreende que Pés Deitados sintam-se confortáveis em cantar nesse pequeno espaço sagrado. O rapaz então inicia a ablução, esfrega-se por tudo, vai removendo o suor, os pedaços de capim, a poeira, e até a inflamação do ferimento. Para quem sabe aproveitar o momento, a ducha pode servir como elemento curativo. Há que se recitar um mantra para tal atividade, o cântico da purificação. O rapaz deita as mãos ensaboadas nessa região, naquela, desliza aqui e lá. Retém por sublime momento as palmas em seus órgãos, massageando com delicadeza. Há uma segurança emanada pelo barulho sutil dos pingos em fileira. Sente-se confortável, aceito, pleno. Olha para cima e dedica-se de corpo e alma àquele momento, único e prazeroso. As moléculas compostas por oxigênio e hidrogênio trazem ao ser humano muito mais do que preenchimento químico, são portadoras de paz. De igual maneira, os dedos não proporcionam somente uma limpeza, senão que também fazem brotar satisfação. O vapor quente fumaceia e se condensa nos azulejos. O calor lhe

transita dentro e fora. Esfrega-se, alivia-se. Entre borbulhas e baforadas, uma como que energia lhe percorre os vasos sanguíneos. Eis que escorre o líquido da vida. Com um sorriso quase disfarçado o moço se funde às águas, onde cada segundo é um júbilo. A dor no pé causada pelo espinho já não se manifesta como antes, e a dor de outrora dá lugar a um contentamento instantâneo sem igual. Respingos por todas as direções banham-no para sua alegria. O ritual do chuveiro mais uma vez traz à virilidade juvenil encantamento, descanso, serenidade. Líquido que escorre, líquido que escorre.

Eu observo a mágica plácida sobre a liturgia dos fluidos com saudade de meus anos de rebento. A certeza da morte confere à juventude e à saúde uma riqueza ímpar. Há que se valorizar o momento a fim de tranquilizar o futuro sobre um passado satisfatório.

O rapaz deixa o jato percorrer todo o seu ser, que o banho lava não só o corpo mas a alma, sobremaneira. A êxtase daquele instante de privacidade é, de salto, interrompida por um grito. Vem da sala do apartamento. Ele fecha a torneira para escutar se ouviu direito. Novamente escuta o grito. Sim, é sua amada. Vem da sala o alarde. “Deus, o que aconteceu?” Em sua posição de homem da casa, é empurrado por instinto a protegê-la. Interrompe aos solavancos a hora da hedônica sauna e, tropeçando, sai em direção a ela. E eu, mais curioso ainda, chego antes, por quanto meu passatempo é cruzar por entre o concreto e fazer pouco da robusta ferragem. Não consigo conter o riso quando vejo a cena: ela deixara todas as janelas abertas para o ar fresco respirar o apartamento e... um bicho preto entrou voando, desorientado, batendo-se pelas peças do imóvel. O valente rapaz, ao ver que se tratava de um minúsculo mamífero voador, do tamanho de uma banana, transforma sua vontade de salvar a garota em raiva de xingamentos imparáveis. Em sua cabeça, um alarido daquele tamanho corresponderia a um sequestrador arrombando a porta, mas... monstrum vel prodigium, era apenas um morcego. Ainda ensaboados, com a toalha mal e mal enrolada, deveria então empreender agora uma nova luta, não bastasse a serpente de outrora. Que casal interessante, acertei na mosca em escolhê-los. Quem disse que o acaso não organiza a sorte? A moça, pobre vítima, encontra-se acuada num canto, e não se sabe se o desespero era maior dela ou do pequeno vampiro batedor de asas, também ele agoniado por sair daquele claustro. O herói busca sem pestanejar por uma vassoura: a solução será alcançada através da guerra! E tem início a caçada, com o cabo lançado para cá, para lá, mas o diabo do animal é esquivo, e não se rende facilmente. Pode não enxergar direito, mas a natureza lhe premiara com um eficiente sonar. Esquia-se dos obstáculos, esgueira-se muito bem por entre as frestas,

dissolvendo-se no ar e célebre pousa onde lhe aprouver. Tanto mais o inimigo é flexível e disforme, tanto mais difícil se torna abatê-lo. A imprevisibilidade confere vantagem, não há dúvida nisso. E há que se acrescentar outro fator, o grande caçador dessa cena não é cem por cento valentia – em certa ocasião, o bicho voa em sua direção, e o susto é tão grande que vassoura, rapaz, toalha, tudo vai ao chão. Não há vitórias sem intempéries, e se houver, que vitória seria essa? E assim, sua raiva aumenta. “Maldito sugador de sangue” virou seu grito de guerra, enquanto a batalha continua. O coitado era frugívoro, e ainda assim tornou-se naquele momento uma ameaça à pátria. Humanos... Mais umas vassouradas aqui e lá, e finalmente o monstrengº é abatido. Debate-se pelo chão, feioso e atordoado, as garras riscando o porcelanato branquinho, escolhido a dedo pela noiva. Paft! Com um golpe de misericórdia é finalmente extermínado. “Não vai mais sugar o sangue de ninguém!”, proclama o caçador, e ergue a vassoura ao alto, para receber a coroa de louros e as palmas da arena.

O vitorioso gladiador se abaixa, e por um momento fita a presa abatida. Hirto, o pequeno animal ainda causa espanto com a sua feiura. “Coisa esquisita” – levanta a patinha e encanta-se com o esquema da asa, acoplada ao esqueleto. Por um instante, há uma forma de conexão, ele se integra de certa forma com a criatura horrenda e fica em silêncio, mergulhado naquela ação. Já não parece tão assustador depois de abatido. Com a língua rósea para fora, os dentículos expostos, parece até inocente. O encontro do sapiens com formas de vida pitorescas confere à atmosfera um ar de intuição, de descoberta: enquanto vislumbra-se com o diferente, descobre-se a si mesmo, transformase. Jaz a presa, o homem silencia, a contemplação acontece. Contudo, a amada do rapaz o repreende imediatamente, buscando uma explicação de por que ficar olhando uma aberração daquele tipo. “Coloca logo no lixo!”. A cadência da vida urbana exige que o ritmo seja acelerado, e sempre que o trem anda veloz, a paisagem é desdenhada.

Aranhas? Iníquas. Baratas? Nojentas. Porcos? Suculentos. A visão de mundo do bípede mais racional que existe pulveriza significados ao universo todo ao seu redor, sem chance para segundas versões. Esses animais aqui, nós os reproduzimos, acalentamos, selecionamos; esses outros nós aniquilamos, como se o planeta fosse nosso capacho, sobre o qual pisoteamos à vontade. Quem é esse Pé Deitado que invadiu a Terra com sua presunção, seu domínio, sua espada? Cá entre nós, a natureza seguiria seu rumo mais feliz e equilibrada se não fosse pelo nosso egoísmo destruidor.

Os representantes do reino animal têm nos ensinado tanto há milênios... Mesmo sem serem dotados de razão eles continuam a nos instruir a respeito do mundo. Remédios, comidas, estratégias, métodos. A lista simplesmente não tem fim. Arrisco dizer que não inventamos nada e sim, bons alunos, copiamos tudo. O Sapiens traz um papagaio para dentro de casa e quer lhe ensinar palavras; em pouco tempo está imitando o psitacídeo. Marqueteamos nossa superioridade, enquanto se nos é administrado o beabá da sabedoria dos répteis, anfíbios, mamíferos e aves, dos quais extraímos nosso ferramental.

Sigo.

CAPÍTULO VI – Partida

“O perdão é uma forma diferente de pensar (...). Perdoando, não se oferece a vitória aos que nos enganaram, mas nos livramos do pensamento que está bloqueando a correção divina. Não perdoar, então, é garantir a vitória dos que nos enganaram, pois abrimos espaço para que eles moldem a nossa realidade”

(“A Lei da Compensação Divina” – Marianne Williamson)

Pode-se dizer que ele aprontou tudo o que tinha para aprontar na vida. Em sua juventude bebeu, fornicou, trapaceou, se drogou, matou inclusive. Conheci esse homem, e pude acompanhar boa parte de sua trajetória. Dinheiro, sim, possuía, bem como algumas áreas de terra que valiam um bom tanto. Seu sucesso financeiro se deveu às falcatruas e não ao trabalho. Íncola das bodegas, primava por bons relacionamentos, especialmente com aqueles que poderiam um dia lhe beneficiar. Tinha carisma, sabia conquistar as pessoas. E todo Pé Deitado sabe muito bem que simpatia e índole não precisam necessariamente caminhar juntas. E ele era exatamente assim. Cativava, com sorrisos, com tapinhas nas costas, agregava e fazia sorrir. Tirava leite de pedra. Mas todo esse esguio traquejo vinha etiquetado com um alto preço – o bote estava por ser dado. Mão esquerda que acalenta o ombro e direita que no peito enterra a adaga. O traiçoeiro se não for simpático não faz direito seu trabalho. Ele encarna o fel e a doçura em uma só

personalidade. Estudos? Não lera um livro em vida. Não sei se uma página. Mas quando abria a boca parecia emanar uma certa sabedoria, um juntado de ideologias que, como bola de neve, foram se consolidando ao longo do tempo, e ali permaneceram, prontas para despontar no momento certo. Falava com convicção, e quem fala com certeza, batendo a mão na mesa e arregalando os olhos, é porque está certo. Era bom em dar conselhos, mesmo sobre assuntos que não lhe diziam respeito e até mesmo técnicos demais para sua capacidade. E mesmo assim ele desdobrava a lide como um doutor. Que importava se as informações fossem inverossímeis? O mais importante era mostrar que sabia.

Pelo fato de gostar mais de uma rede que de uma enxada, trabalho nenhum prestava, e consequentemente não durava mais do que um punhado de meses na lida. Uma das coisas que lembro é que tentou a sorte como dono de mercearia certa vez. Tinha o sangue empreendedor, não seria funcionário de ninguém. Peão? Negativo. Nasceu mais para rei. No estabelecimento se encontrava de tudo um pouco, desde víveres até ferragens. A mãe não a vendia porque a velha iria protestar. Roubava nas encomendas, trapaceava no troco quando podia, convencia, conversava e, acima de tudo, prodigava sorrisos. Na balança, havia um arame de espera em cuja ponta havia uns cinquenta ou cem gramas de peso: sentindo que o freguês estava distraído nas lorotas, de costas ou algo assim, engatava o pequeno aparato calibrador de lucros no braço do medidor de quilos - o peso aumentava e superfaturava cada sacolinha de batata, cebola ou o diabo que o pobre infeliz tivesse a desventura de comprar. Embalava o produto, a boca encostando na orelha de realizado, e falava sobre o tempo... O primeiro e mais trivial nível de diálogo com alguém, se vai ter neblina, se fará calor, se cairá a bátega. Falar sobre o clima, algo totalmente impessoal e ao mesmo tempo capaz de aproximar dois desconhecidos. Estratégico esse tópico, tão popular e tão descompromissado, une os interlocutores sem estabelecer nenhum laço. E saía o inocente consumidor, contente porque havia sido bem tratado. Convicto, voltaria a comprar lá.

Mas o seu pequeno mercado não estava dando lucro suficiente. Pelo menos não na cabeça dele. A ganância finca raízes no coração humano. É como o micélio subterrâneo que tudo permeia, corta-se uma parte somente para ver outra se desenvolver mais. Não me engano, ser ambicioso é bom e necessário, o problema começa quando vira desejo incontrolável, cupidez lúcida de esmagar o semelhante; usura metastática de pôr o dinheiro acima de qualquer outro bem. Leia-se pessoas, saúde, felicidade, paz. Ele era assim. Como burro atrás da cenoura, seguia a cédula onde quer que estivesse. Não, aquela

quitanda não podia lhe dar a riqueza que tanto almejava. Então, depois de apenas alguns meses com o empreendimento, resolvera inovar. Uma padaria! Sim, as pessoas sempre precisam consumir desse alimento. Aí estaria a solução: poderia vender aos clientes e, imaginem, fornecer a restaurantes, lanchonetes, barraquinhas de cachorro-quente e afins. Ah, o pão que alimenta o corpo. Dali satisfaria seu apetite de bens materiais. Já vislumbrava nomes para o negócio, onde se estabelecer, clientes potenciais e, obviamente, como ludibriar nos valores. Mal terminara de planejar o estratagema, já fechou as portas do antigo estabelecimento. Prateleiras negociadas, fornecedores e clientes frustrados, produtos prometidos, mas não entregues, novo endereço e lá se foi o tratante. Em dois tempos estava pronta a bendita padaria. Para ele, dar na telha significava fazer. Mal surgia a ideia no purungo, e a obra estava feita. Não importava ficar devendo a quem prestou o serviço. Resolver-se-ia depois. Oxalá. Mão na massa. Literalmente.

Já tinha o ambiente físico, já iniciara os preparativos para o empreendimento. Alvarás, licenças...? Assunto pendente guardado na pasta denominada “veremos”. Não podia perder tempo com burocracia. Precisava encetar de vez as atividades. Resolvera fazer uns testes para experimentar o produto. Bolachas, bolos, acepipes, e tudo mais que o trigo pudesse proporcionar. Amido é felicidade. Não precisa ser bom para a saúde. Nas idas e vindas, contudo, de sua aventura de sabores, algo não lhe caiu bem. Sentiu, logo após as primeiras bocadas, que aquilo não estava certo. Tudo começou pela dor. Ela parecia viajar pelas vísceras. Ora cá, ora lá. As ferroadas despontavam vibrantes e faziam-no passar a mão, massagear, rebolar. Não adiantava, problema de tubulação é quase sempre entupimento, e lá se ia o bolo alimentar, navegando por entre as paredes do intestino, prenunciando que queriam sair, mas não com tranquilidade. O suor na face e o cenho desesperado se juntavam àquele quadro lamentável. Quem já não passou por isso? Tão humano... Agachara-se, boquiaberto, espremendo a buchada. Olhava para os lados, como se fosse pedir socorro, mas nenhum remédio iria resolver o problema, afinal de contas, era preciso que primeiro se desbloqueasse a estrada para que o tráfego voltasse ao normal. Com passagem livre, tudo flui. Em um ímpeto incontrolável, decidira que seria o momento de dirigir-se a um local onde pudesse desovar aquele diabólico monte fecal interior. Abriu a porta, a mão porejando trêmula, e abaixou finalmente as calças. Nem deu tempo de fechar a porta e... ah, o trono, ara dos alívios, pedaço de porcelana dos aflitos, assento de salvação! Mas aquilo não quis sair de imediato. Não se entregaria suavemente. Sim, deveria pujar. Revolia o tronco para um lado, para outro, tentando

facilitar o processo. Nada. Inclinava-se, erguia os braços, apertava as entradas, contorcia-se. “Sai, demônio!” Tratava-se de um esforço necessário, mas que precisava respeitar os trâmites da alfândega do íleo. Tudo a seu tempo: poderia berrar, bater ou espernear. De nada adiantaria se aquele órgão interno tão poderoso e desprezado decidisse que precisava de mais uns instantes. Ali quem manda são os micro-organismos. É um universo à parte, de monstruosidades tais que não fazemos ideia. Esses bichinhos invisíveis, ignorados por séculos, dão a tônica de nossa biologia e até do comportamento. São eles que fazem o vinho, que decompõem a matéria, que renovam a natureza. Menoscabados, fazem de nós gato e sapato, a seu bel prazer. É, não é porque os olhos não enxergam que não nos afetem, pois amiúde o invisível é o que mais impacta. De repente, as pontadas retornam. Ele se retorce, prende a respiração, forçadamente... começa a face a ruborizar... E solta um longo suspiro, repete o processo, faz cara feia, esbugalha os olhos, mas nenhum resultado à vista. Ele olha para a água lá embaixo, límpida, quieta, pronta para receber o estrago. Há quanto tempo está nessa pendenga? Não saberia dizer, mas parece uma eternidade. Nova tentativa. Ele não respira, mas pragueja, torce o nariz, balança a cabeça entre palavrões, acreditando que agora vai sair... Mais um desapontamento. Pensa por um instante que é melhor desistir da batalha. Isso, iria levantar as calças e abdicar. Mas algo lhe diz que o espetáculo está por retornar, que o objetivo será alcançado muito em breve. Uma das maiores sabedorias da vida é detectar o ponto que distingue o desistir do persistir, o ficar do permanecer. Às vezes vale a pena continuar na guerra, mas também saber quando parar vale ouro. Ele decide bater na tecla. Promete a si mesmo que vai usar todas as forças agora. Na marra. Olha para cima, frustrado, até que de sobressalto algo começa a surgir, tímido, no meio de toda a refrega, no silêncio mortal do recinto de paredes brancas ladrilhadas... leva o abdômen para um lado, para outro, até que... fuuuppp, um flato! Finalmente ele desabrochou, no meio de tamanho sofrimento. Aquele vento fétido era o que faltava para o trabalho continuar, e toda ópera tem seu prelúdio. Ele sabia que aquela leva de gás traria boas novas, e a esperança é sempre mais doce que o momento em si. Com isso em mente, faz mais uma investida. Então ele força todo o seu ser, as veias do pescoço saltitando em agonia, o esfíncter aberto querendo dar passagem a uma avalanche que não chega nunca. Ele não respira, só enrubesce os olhos e luta, luta incansavelmente. Pode uma coisa tão saborosa quanto um quitute se tornar algo assim cruel? Um minuto. Está chegando. De repente... flômp! A coisa despенca de uma vez, em uma diarreia turbulenta, em correnteza feroz que tira a dor de modo instantâneo. Ele finalmente expira aliviado, entoando um longo e grave

mantra “Aaaaaaa”, e tomba o tronco para a frente, braços estendidos até o piso. O vaso branquinho ora salpicado de respingos testemunha a custosa guerra que chega ao fim. Ele se senta ereto novamente, com um sorriso no rosto e olhos fechados. Mais uma leva! O líquido já amarelo desliza liberto, infectando a atmosfera com um bafio estonteante. Mas esse vivente percebe, em seu imo visceral, que há mais pela frente. Dito e feito, escorre o jato suculento por mais duas ou três vezes, deixando a estreita passagem doída e assada. Há algo da mesma natureza tão fisiológico e tão humano que prove que, lá no fundo, somos todos iguais? E que o Papa, o bilionário e a Rainha da Escócia, todos passam por experiências assim? A sociedade pode distinguir, mas a enterologia iguala. Por fim, o alívio, a dor fora expulsa.

O mundo precisa de carboidratos. São apetitosos, baratos, trazem energia imediata e todos querem. Sua pequena empresa deu certo. Fazia cada vez mais clientes, sonegava impostos. Tratava a todos muito bem, enganava no troco quando podia. Os lucros aumentavam, o iludido rapaz que instalou as prateleiras ficou sem receber. Apesar de toda enganação, corrupção e cambalachos, considerava-se probo. Podia desviar o que fosse, roubar o quanto lhe aprouvesse, seu travesseiro era uma consciência limpa: estava cumprindo com seu dever. Administrar uma empresa significava aumentar exponencialmente a pecúnia, pouco importavam os meios. Ética? Nem conhecia a palavra. E para dar vazão a essa certeza, passou a frequentar uma igrejinha que havia há pouco se estabelecido em uma garagem, as paredes impregnadas de infiltração. Na fachada lia-se “Igreja dos Santos de Alguma coisa... e mais duas palavras em hebraico para mostrar autoridade etc”, o título começou glorioso e grande, mas o pintor não calculou o espaço e as letras foram diminuindo até dar cabo ao interminável nome. O pastor responsável, saído da prisão na qual se convertera, havia tirado a vida de uma mulher. Mas, glórias, a pena estava cumprida. Podia ser assassino, mas cativava. Em seu culto, com emoções piegas falava na língua dos anjos. Eram um capítulo à parte essas falas, uma encenação que de tão boa convencia a si próprio. Quando se está convencido de uma mentira, ela vira verdade. Arrastava uma boa quantidade de prosélitos, enrolando a língua: cantava, expulsava demônios, prometendo prosperidade a todos os que se convertessem de coração. Falácia consolidada, porquanto o indivíduo não enriquecesse seria devido à falta de fé.

E o dono da padaria estava interessado particularmente nessa parte. Prosperidade. Seus olhos brilhavam enquanto o pastor prometia mundos e fundos. Eram espíritos afins,

o universo junta os pares através de forças inconcussas. O salafrário atrai a canalhice, e assim segue-se o baile.

Certa vez assistiu a um culto de expulsão de um espírito ruim de uma pobre adolescente, cuja única culpa que carregava era a de ter nascido epiléptica. Os pais não podiam pagar pelo tratamento adequado, e tampouco possuíam alguma instrução que lhes dissesse que a menina precisava era de um psiquiatra e não de um curandor. A ignorância tem seu preço. Marcada a data e a hora da expulsão, uma vez paga a taxa de desocupação de corpo, foi-se a família para o grande dia na igreja. Seus problemas acabariam naquela noite, tinham fé. Com a bíblia embaixo do sovaco, em seus melhores trajes, marcharam inexpugnáveis até o altar. O líder religioso iniciou o “protocolo litúrgico dos sete sábios de Jerusalém” (ele inventara o nome quinze minutos antes). Compenetrado, a sudorese lhe tomava conta, fechando os olhos. Alternava o volume da voz, ora sussurrando na língua dos anjos, ora berrando de modo que as pobres venezianas laterais estremeciam. Mais firmeza se dá à voz, maior a certeza de que se está ao lado da verdade. Aleluia. Com as mãos sobre a menina, bradava a plenos pulmões os cinco ou seis vocábulos aramaicos que seu intensivo de teologia de quatro dias permitiu memorizar, chacoalhando a cabeça da coitada cá e lá. E que não sou psiquiatra, mas atordoar a testa do paciente não cura doença alguma. Aleluia. A plateia murmura, uns de olhos cerrados falam do que lhes vêm à tona, outros gritam, aqui se faz um burburinho, se chora, se sua, ali outro berra o nome do crucificado. Entre glórias, hinos, lamentos, axilas fedidas e bíblias a pobre menina começa a convulsionar. É sinal de que o exorcismo está funcionando, todos louvam! Os pais, esperançosos, gritam, as lágrimas banham gravatas, vestidos e paletós. Os cabelos até a bunda testemunham a fé das moças recatadas, dedicadas ao serviço do Senhor. Glória! Elas não se maquiam, não raspam o bigode e usam longos vestidos, logo, são pessoas de bem. Aleluia. Em um instante a egrégora toma corpo e todos são tomados de um êxtase coletivo. Fenômeno de fé ou oxigênio parco do ambiente? Choros de alegria vão dando lugar ao silêncio, a adolescente já concluiu o ciclo do ataque. Parece que Belzebu não está mais ali. Louvado seja Deus! O pai da moça ergue as mãos curvadas de artrose e calo ao teto, canta pedaços de hinos e agradece por ser tão abençoado de poder contar com um pastor dessa monta. Um profeta, um convertido. Pontos para o grande líder. Ele pragueja contra a macumba: é obra dela a possessão da moça. Nessa hora, ninguém lembra do covarde feminicídio cometido pelo pastor. Agora ele não pertence mais ao mundo. O problema está é nas feiticeiras. Deus está no comando. Glórias,

aleluias, balelas e arengas e já passa por entre os fieis a cestinha. Ah, a cestinha. Vão-se os dias de trabalho penoso engordar aquele pedacinho de plástico. Crentes de que a salvação vai se garantindo no céu, padecem aqui na Terra. As notas de vinte e de cinquenta fazem o pastor ricochetear os globos oculares. Bênção da vitória do ressuscitado, a menina está curada! Pelo menos pelas próximas quarenta e oito horas, até retornar o ciclo normal da patologia. O culto vai se encerrando, cada criatura sai do recinto realizada, pois a obra do Senhor foi realizada nesta noite. Rebanho apartado, o lobo a portas fechadas mergulha nas oferendas dos coitados. Ele esmaga as notas, cheirando-as com paixão. Pecunia non olet. A noite cai triste e silente.

O dono da padaria, posto que empreendedor nato e escroque de nível avançado, também deixou sua oferta. O culto encheu-o de esperança. Está mais motivado. Sente-se bem. Aquele pastor o inspira, faz perceber que o caminho da riqueza pode ser trilhado. Ele retorna para casa feliz. No caminho de volta, entretanto, algo lhe chama a atenção.

Em um bairro nobre, ergue-se uma casa linda, uma mansão cujo pátio poderia bem acolher um quarteirão. A lua banha o ar, as estrelas temperam o céu, a atmosfera é de quietude. Calmaria essa que contrasta com o zumbido em seus ouvidos, reminiscência do culto barulhento. No pátio da casa deita um gramado perfeitamente aparado, luzes pipocam por todo o jardim. Há beleza em cada canto. Em uma parte da grama, entretanto, senta-se, em lótus, uma mulher. O padeiro a observa de longe por entre as grades, naquela ausência de som, exceto pelos grilos que exibem cabotinos suas melodias. Que diabos ela está fazendo? Ele decide esperar para ver o que acontece, mas para sua surpresa a mulher permanece como um dois de paus. Um minuto se passa, depois cinco. Ele imagina se quiçá seja uma estátua. Mas não, ela respira. Agora ele está intrigado. Em algum momento vai ter que se mexer, pensa. Ela está sobre aquele gramado, as pernas entrelaçadas, as mãos por sobre os joelhos, os dedos polegares e indicadores unidos, os olhos semiabertos. A postura é ereta, serena, ombros relaxados. Diante dela uma estatueta de uma divindade. Tem cabeça de elefante e corpo de pessoa. O padeiro imediatamente julga se tratar de alguma adoração ao demônio. Só pode ser. E para completar, uma vareta de incenso catinguento faz a fumaça dar piruetas no ar. Ela continua imóvel. Parece que, naquelas circunstâncias, o tempo pausa. Ela respira com autoridade, mas com leveza, garrida e firme na mesma posição. As inspirações e exalações são o seu foco, ignorando as distrações à sua volta. Ela está tão circunspecta nos movimentos dos próprios pulmões que consegue penetrar no momento presente, e nada mais. Seus pensamentos vêm e vão,

assim como suas emoções, sensações, lembranças. Curioso, por entre grades, ele se pergunta se aquela mulher não tem nada de mais importante para fazer do que ficar plantada na grama respirando. Que absurdo. Não é assim que se reza. Para louvar a Deus há que ter trombetas, ruído, glórias! Mas existe algo nela que o intriga, e por isso continua a observá-la. Há em seu rosto feminino um quase que sorriso, que lhe confere status. É como se nada mais houvesse de necessário no mundo, apenas aquele instante. O zéfiro lhe faz dançar os cabelos lisos, mas ela continua incólume. As sensações que o corpo físico traz são apenas visitantes naquele organismo. A coceira, talvez a dor, o mau jeito do joelho, o formigamento do tornozelo, a panturrilha pinicando, aquilo tudo está ali e é sentido, sim, mas não a comanda. Ela tem o controle daquele ir e vir de sensações, e não o contrário. Há algo de sublime aí. Esse procedimento de sentar-se e respirar, focar nisso e deixar o resto passar constitui-se na única instância em que a pessoa está a salvo de si própria. Essa parada, busca incessante (e por que não luta?) possui um quê de divino: uma conexão que funde o imanente e o transcendente, de tal forma que os vocábulos não traduzam, que a sintaxe não funcione. A experiência, sim, essa é loquaz. Quem observa de fora toda aquela paz emanada de uma criatura sentada em concentração não imagina a batalha que está se travando lá dentro, em seu interior. Na medida em que o tempo vai passando, os pensamentos, as preocupações, os anseios, as emoções, toda essa parafernália vai dando lugar a uma única coisa: consciência. É possível ficar dez minutos, que seja, sem pensamentos? Irrequieto, por entre as grades, ele começa a se aborrecer de ficar ali observando, e ainda imagina que aquela mulherzinha precisa se mexer, fazer alguma coisa. Não é aceitável somente sentar. Alguma ação precisa acompanhar esse ato. Ficar em silêncio ouvindo os próprios pensamentos? Inaceitável. Aquele comportamento o atordoa, “quem ela pensa que é? O que o pastor falaria disso?”. Ele bufa e resolve continuar, frustrado, sua caminhada até casa.

O dia seguinte é de grande entusiasmo ao fabricante de pães caloteiro. Ele vai comprar um carro! Vejam só, o empreendimento deu seus frutos, o dinheiro está entrando, e então é hora de exaltar a própria imagem. O estabelecimento fechara-o mais cedo, esquecera de uma encomenda, danem-se os clientes. Com um veículo, ele pensa, será respeitado como homem de sucesso. A esteira hedonista recai sobre ele sem que se dê conta. O automóvel irá transformar a sua vida, a partir daí a prosperidade estará garantida! O atendente da revenda lhe mostra todos os acessórios, as novas tendências, as vantagens, os penduricalhos e ele acena com a cabeça sem entender noventa por cento da explicação

toda. Suspensão isso, direção aquilo, tecnologia patati patatá, rodas no estilo blá, blá, blá, alguns termos em inglês de pronúncia lamentável: ele ouve a conversa, concorda, sorri e o seu pensamento está lá adiante, pensando exclusivamente na impressão que vai causar nos outros com aquela máquina. Quem se importa com a inovação ou os itens de segurança isso ou aquilo? Somente o degrau social que vai subir é o que vale. Fechado! Na mesa de negociação, o vaivém do preço não demora. Afoito, quer se sentar naquele banco e dirigir. Não tem todo o dinheiro, mas nisso damos um jeito, claro. Ele aceita os termos dos boletos, as porcentagens e vencimentos, enquanto sua mente lhe garante que penhoras são demoradas e que não vai pagar todas as prestações. Assina contrato aqui, vai procuração lá e ele finalmente inicia a ignição tão esperada. Que ronco! Que sensação! É um homem em outro patamar agora. Saindo da cidade, vidros abertos, sentindo o ar puro na face. Nem sabe aonde vai, o importante é ir. É o deus Hélio em sua carruagem dourada varando os céus: não há obstáculos, as curvas são facilmente contornadas. Ele passa despercebido por um sinal vermelho, não importa. De qualquer modo, não havia ninguém na rua mesmo. Tudo vai maravilhosamente bem, até que ele resolve começar a mexer no seu aparelho móvel de fazer chamadas, justamente durante seu deleite de motorista. Parece que quer trocar o toque de chamada, e enquanto manuseia o volante, o trânsito que se vire, ele quer é fuçar nas funcionalidades do aparelho. Deu na veneta. Enquanto aperta os botões e se distrai no brinquedo tecnológico, não percebe um quadrúpede que cruza a pista e... buzinaço. Ufa, essa passou perto. Desviou em cima do lance. Sem problema, volta a buscar fundos de tela mais interessantes. Segue o itinerário preciso em direção a nenhures. Pergunta-se por que a configuração tal não funciona. Tenta novamente. Ah, que sensação maravilhosa, a de liberdade, dirigir sem rumo, fazer o que bem entender, gozar de verdade a vida! Agora ele resolve testar a velocidade que seu motor pode alcançar. Cento e vinte, cento e trinta e de repente percebe que não pode contornar as sinuosidades das rodovias nessa velocidade, e mesmo assim passa por um radar fixo à beira do asfalto quando um flash se acende. Plic! O aparato fotografa o veículo em cento e vinte e três quilômetros por hora, e o estrênuo motorista não percebe. Tudo bem, tudo tranquilo, carro novo. Continua a desfrutar o prazer da velocidade. Subitamente, recebe uma mensagem instantânea no seu aparelho. Ele adora essa coisinha de fazer chamadas de incontáveis funções, sendo que a menos utilizada é ... fazer chamadas! A geringonça cheia de aplicativos anuncia o cliente furioso: ficou meia hora plantado aguardando a encomenda, e nada de o confeiteiro aparecer. Especialista em evasivas, imediatamente dispara: “morreu minha vozinha”, com voz lamentosa,

escusando-se e teatralizando um álibi que convenceria a qualquer magistrado. O cliente se desculpa pelo mensageiro eletrônico de conversas, e o fazedor de pães não consegue disfarçar um sorriso acintoso de vitória. Segue a estrada. Acelera novamente, transita em qualquer pista, e o êxtase volta a reinar. Mas desta vez, um carro vem na direção oposta. Não há mais como frear.

A batida foi forte. Em uma agonia invasora repentina de milésimos de segundo que antecedem a colisão não há tempo de refletir. Nem de buzinar. Nem de reflexos. Simplesmente acontece. O baque é sentido na cabine enquanto os estilhaços parecem voar por todos os lados. Pode-se ver tudo em câmera lenta. Um pensamento relampeia em sua mente, o de que aquele maldito carro era novo. Mas essa intuição logo é afastada ao retomar a consciência no presente: o estrago. Aquele instante parece não ter fim. É rápido para acontecer, porém leva uma eternidade para parar. Teve por um momento a impressão de que estivesse pairando, mas não, aquele era o chão firme mesmo. Ele se pergunta por que o barulho do choque ainda ecoa no ar. Talvez a mente seja mais rápida que o som, e nesses instantes tempo é igual a zero. Na novela da vida, a cabeça aperta o botão de pausar e vive de modo profundo a catástrofe – não seria melhor se o fizesse nas horas alegres? Ouviu o tilintar de partes metálicas e peças em acrílico a distribuir-se estrada afora. Os pneus ainda rodopiam no asfalto. Tem a sensação de que irá bater numa árvore ou algo assim, mas não. Continua a girar. O padeiro gira o volante instintivamente, sabendo que é mais uma reação do que uma solução. Imaginamos decidir com base na razão, enquanto o reptiliano é que faz a festa. Uma calota repica e foge correndo do lamentável cenário, parece que tem vida própria – cada atrito com o chão daquela porcaria de enfeite de roda parece um trovão de um sino. Ele não consegue entender como sua percepção ficou aguda de repente. Vivia sempre no futuro, nos lucros vindouros, e agora está acorrentado na enxovia do presente. Tornou-se o pobre Prometeu, e o instante do agora é o abutre que lhe devora o fígado. Nunca sequer pensara no momento presente. Tudo, absolutamente tudo era para daqui a pouco. A parada súbita do carro interrompe seus pensamentos. Sente-se aliviado pela tão aguardada imobilidade. Tão logo consegue se localizar no espaço, tem a impressão de que foi apertado o botão de play novamente para o tempo. Olha ao redor, não vê nada, a não ser pelos esparsos cacos de... tudo. É um festival de ferro, vidro, plástico, borracha. Mas nada intacto, mostrando o horror do encontrão da pechada. Um ou outro parafuso ainda rodeia aqui e lá. Sente que, a fim de recompor-se de tudo, é necessário que cada arruela, cada pedacinho seja lá do que for, fique quieto.

Ele grita um palavrão, no intento de estabilizar as coisas, mas logo se arrepende. Tranquiliza-se temporariamente, entendendo que aquilo que se fala rebomba pelos cantos e desaparece, o que se escreve é o que fica e compromete. Enquanto investiga se tudo parou de verdade, percebe que não consegue movimentar o braço. Há sangue na camisa, sua mão dói. Como não havia percebido? Não sentiu nada até então. Ele estranha esse processo, e começa a recompor a cena. Vê que seu carro acabou ali, enviesado no acostamento cheio de quiçaça. Desvencilha-se das ferragens e sai do automóvel, claudicando nas pedrinhas soltas. E nota que logo ao lado há uma ribanceira povoada de arbustos e rochas. Assusta-se, mas por fim levanta os olhos ao céu e ganha um lampejo de júbilo. Está vivo, glórias ao Pai! Os ferimentos insistem em lacinhar, mas está aí, no mundo novamente. Enquanto brada seus louvores em alta voz, citando o Salmo de número não sei quanto, observa lá embaixo, fincado no perau, o outro veículo que não teve a mesma sorte.

Enquanto isso, eu olho morro acima, e observo aquele louco a proclamar hinos. Lá de baixo, entre arbustos e galhos, jaz meu veículo, virado numa lata de sardinha esmagada. Restam-me alguns instantes de vida. Meu Deus, quanto tempo dura um segundo! É uma eternidade aprisionada em uma palavra. Percebo que a respiração começa a me faltar, instintivamente ofego cada vez com maior frequência. Noto o painel do carro de respingos vermelhos vívidos e brilhantes. A lataria é minha prisão, e enquanto os pensamentos tentam fugir aqui e lá, são sempre obrigados a retornar àquele momento. Não há como escapar, pelo menos não fisicamente. Uma expiração derradeira... e eis senão quando, como em um salto no ar, liberto-me. Novamente olho para cima, vejo aquele homem arrastando os pés e segurando o braço fraturado, cantando hinos, recitando versículos e afastando-se da cena. Não o vejo como um assassino, não sinto raiva, pois ainda estou a entender a situação. Se leva tempo para juntar os cacos de um acidente, quem dirá para recompor o espírito. Ora lúcido passo a incorporar tudo, a paisagem circundante, dois veículos triturados, um maluco glorificando aos berros, um precipício, os ramos quebrados de árvores. Então cai a ficha. Não pertenço mais àquela realidade carbônica, de tempos e espaços lineares, de intrigas e esperanças. Sim, assim foi minha partida. A fé matou a filosofia?

CAPÍTULO VII – Eflúvio

“Assim vagamos para a Terra Santa até que um dia o sol brilhe com mais intensidade do que jamais brilhou. Brilhe talvez em nossos espíritos e corações e ilumine inteiramente as nossas vidas com uma forte luz de alerta, tão quente, serena e dourada, como numa colina, no outono”

(“Andar a Pé” – H. D. Thoreau)

Voo porque é prazer. Escrevo porque a literatura é o auge da experiência descrita. Leio para não ser refém de meu próprio ponto de vista. Se um pintor capture nas cores a beleza, o escritor apreende o belo das ideias. Depois de tantos passeios, algo me diz que devo sossegar o facho. Quando se incorpora o suficiente de uma vivência, parece ser hora de saborear algo novo. Ergo-me por entre os montes, vejo como o verde pintado nos campos é cativante, como é envolvente esse planeta, e mergulho no privilégio que é pertencer a ele. Não por nada insistimos até o fim para permanecer no solo, há beleza circundante.

Só não entendo por que participar dessa odisseia sozinho. Após navegar pelos ventos sem um amigo durante todo esse período, indago se uma companhia viria a calhar. Desfruto de um momento sem igual, há tantas maravilhas agora, caminhar sobre as nuvens é inigualável, mas um martelo bate nessa minha bigorna chamada testa incessantemente: quero con dividir essa experiência. E por qual motivo devo fazê-lo, divago? Uma beleza é beleza mesmo que não compartilhada, no fim das contas. Nossa tendência gregária nos impele a mostrar aos outros coisas esteticamente bem constituídas, mas por tolice nossa. O lindo quadro na parede está lá não porque, conspícuo, exibe seus traços aos demais. Não. Jaz ali porque eu o vislumbro, e o belo me alimenta. Mas nem todos pensam assim. Particularmente julgo que a boniteza não precisa ser divulgada, e sim capturada. A simetria, as cores, os sons, as formas. Existem por si só, e estão aí no mundo à mercê de quem verdadeiramente exercite a contemplação. O belo precisa não de um arauto senão que de um apreciador.

Mas continuo só. Não fosse esse exercício chamado solidão, não conheceríamos o prazer da parceria. E, esdrúxulo como só o ser humano consegue ser, quando está na companhia de alguém, mira na gostosura do isolamento: se deve ir a um evento, pensa no conforto de casa; quando está em quatro paredes, imagina o deleite do encontro. Que animal é esse que não sabe o que quer? No ioiô de suas vontades, vai construindo uma vida; na montanha russa da volição, arquiteta sua personalidade. Não se sabe se é completo o Pé Deitado que vive sem ninguém. Naquele que sozinho quer estar no bando e vice-versa existe algo para além do instinto. É a inquietude que mostra que ali, naquele humilde vertebrado de duas patas, existe uma alma, um olhar que perscruta muito além do que as meras paisagens lhe possam consentir. Pobre homem. Grande homem. Vulgo bípede. Mestre de seu destino. Vertebrado. Espiritualizado. É, ele continua humano mesmo sem a tribo.

Pairo nos ares e posso me defrontar com outrem, e nesse momento somente o ar nos separa. O que perguntar a um semelhante? Como dirigir-me a uma criatura de minha mesma natureza, fugindo do básico e mergulhando em uma aura mais profunda de conversação? Devo falar-lhe dos voos, das visões, dos momentos experimentados com delícia, das frustrações, de coisas que seria melhor se não tivesse visto. Este, diante de mim, é mais do que um como eu: há minha essência nele. Temos a tendência de presumir que somos peculiares, mas a verdade é que uma espécie se comporta da mesma maneira, dadas as devidas nuances. Os mesmos instintos, as mesmas esperanças, os desgostos e prazeres são compartilhados. Seria egoísmo de minha parte chamá-lo de ‘outro eu’; poderia, antes, receber a denominação de ‘o outro aqui em mim’, e se faria mais justiça. O espectro apresentado diante de meu ser não pode ser inimigo, e nem objeto de afeição, pois meu julgamento é inherentemente infectado. Vejo um anjo com belas asas fazendo malabarismos no céu, e já o aprovo como um ser bom, um ser de luz; aí avisto um horrendo demônio se divertindo com piruetas próximo do solo e o sentencio malévolos. Todo Pé Deitado nasce equipado com uma arma de fogo pronta para ser disparada para qualquer lado, e os projéteis são nossos pareceres, que vão gradualmente rotulando, julgando, e por fim ferindo. Esse ser aí, em minha frente, de mesma constituição que a minha, é minha salvação e meu inferno. Ele me espelha, e justamente por isso me reconheço e me culpo. O ser humano não teria defeito nenhum se não fossem os outros. Como entidade à parte, única, erraria pelo mundo, perfeita e intacta, um deus na Terra. Mas aí surge um tal qual ele: um animal de duas pernas dotado de cérebro grande... e o

deus perfeito desmorona: surge o diálogo, depois o confronto, depois as leis. O visitante em minha casa fede; o concorrente de meu empreendimento é sempre desleal; meu amigo decepciona-me; o motorista do carro ao lado não ligou o pisca. Eu me deparo com o outro, eu me machuco, eu me realizo. Na guerra dos egos, só há um perdedor: a comunidade, pois cada ego separadamente sai ganhando, a seu gosto. Quem é esse outro morto em minha frente? Por que, como, com que finalidade ele vaga no meu espaço? À medida que me acostumo com sua presença, sinto necessidade de sua companhia, e da mesma maneira ferve dentro de mim o desejo de estar sozinho. E é na dialética entre o abandono e o encontro, entre o claustro e a festa, que tem lugar aquilo que chamamos de realização. – Vem, semelhante, junta-te a mim; façamos a vida acontecer. Logo após convidá-lo para o banquete de deleite da natureza, já iríamos conversar, e surgiriam alegrias. E brindaríamos. Aí os contrapontos viriam à tona. E depois viria a repeli-lo, e sua ausência seria tão doce quanto amarga, e tornaríamos a nos juntar. É a dança da interação, o grande ciclo do jogar-se ao diferente. A exposição nos torna fortes. Se eu fosse o único orbícola da face da Terra, não me preocuparia com nenhum adversário. Tampouco gozaria dos saborosos frutos da satisfação mútua. Lindas seriam as auroras, iniciando as jornadas com frescor e espaço de sobra; tristes seriam os ocasos, terminando o ciclo do dia, abraçado à solidão fria do mesmo espaço que restara.

Percebo ao longe uma enorme massa mais clara, iluminada no céu. É dia, e se o sol nasce para todos, cada canto deveria receber os raios do astro rei de modo igual, só que sabemos que não é bem assim. Mas nessa área em particular a luz brota por conta. Há algo ali que precisa ser investigado e, mariposa ao candelabro, me apresso naquela direção. Por que, em plena luz do dia, uma porção atmosférica está mais luminosa do que o restante? À medida que me aproximo, percebo o quão mastodôntica é a esfera de clarão. É possível tocar o brilho em si? Como criança atraída por uma tomada coloco as mãos ali, intrigado. Eu entro na luz. Trata-se de uma sensação engraçada, é esdrúxulo mesclar predicados como ofuscante, quente, agradável, leve, envolvente, porém todos esses conceitos se misturam no que sinto agora ao adentrar essa coisa. As palavras continuam tendo poder, são como armas que empunhamos nas mãos: elas podem derrubar, ferir, matar. Mas elas não são tudo, e por isso são insuficientes, débeis por vezes, parcias. Palavras são onde moram nossos pensamentos, e nem por isso elas deixam de ser módicas. Não temos vocábulos para expressar tudo o que queremos. Usamos frases aqui e ali, juntamos expressões, gírias, construções sintáticas e substantivos para tentar chegar

perto do que o pensamento quer transmitir, como Tântalo querendo alcançar os doces frutos que parecem tão próximos e, contudo, somos incapazes de fazê-lo. E nesse estado em que me encontro, o de Pé Pra Cima voador, isso se acentua ainda mais. Quero descrever esse fenômeno que se manifesta diante de mim, mas a linguística desmorona em balbucios e não chega nem próximo do que seria um relato decente. Uma Bola Luminosa! Pronto, quando se dá nome à coisa tudo fica mais fácil, afinal também é assim com os diabos até – quando se descobre o nome deles, os pobres demônios ficam mais suscetíveis a serem expulsos. A bola luminosa não é como um objeto diante de um observador. Você faz parte dela. Observá-la já é pertencimento. Enfim, eis-me completamente cercado por ela. Deixo-me envolver por seu mistério, cinjo-me desta que é mais uma situação do que um lugar. À medida que me aprofundo em seu abraço, sinto de algum modo que não haverá mais volta, e com um pingo de nostalgia, olho para trás e avisto longe, longe os montes que continuam a edificar o horizonte. A visão daquilo que eu chamava de mundo se torna mais turva, toda essa experiência tem ar de adeus e cada vez mais me torno luz, me dissolvo. O eu cada vez menor vai se despojando de suas amarras, de suas preferências, de seus julgamentos. Agora apenas sou, sem predicativos: uma cebola com tamanho de gente que foi perdendo cada casca, cada camada, até virar apenas cheiro. Algo do tipo. A impressão que tenho é que se acabaram as barreiras, os escopos. Minha pele já não funciona mais como o limite entre eu e o mundo, pois tudo se interconecta de uma maneira impossivelmente bela. Dissolução. Já era aquele ego que identificava oportunidades, que se dissociava dos outros, que via passado, presente e futuro como uma linha retilínea, que metralhava o mundo com qualificações, do tipo “feio”, “vermelho”, “grande”, “fedido”, “quente”. Tenho a sensação de que o tempo não é mais uno, ele divaga para diferentes possibilidades, vagueia em dimensões que até então eu não percebia. Nesse arrebatamento que estou vivendo, foram-se embora as noções de lado, cima, embaixo, pois parece haver mais do que isso. Os atributos, obtusos, já não fazem mais diferença para as coisas. Caiu o véu do dualismo que julga, a máscara do veredito que condena. E aí está o fenômeno em si, dançando livre, o ente desvelado, só o ser. Loucura? Pois, que seja. Se a loucura enseja o bem, até a razão lhe dá anuência.

Mal terminei de incorporar esse passo de minha jornada, e lá vem a próxima prova, o ordálio que espreita toda alma: um clarão dentro do clarão, o *sanctum sanctorum*, onde cada nome humano encontra seu criador. Como sei disso? Não há placas, nem mapas, nem direções. Resumindo em uma palavra: presença. Invade-me uma sensação que

percorre desde os dedos do pé até último fio de cabelo, que posso descrever como ondas de solavanco pelo meu despido corpo plasmático, mas nada de desagradável, pelo contrário. É kundalini, uma sobrecarga de satisfação, e o processo se dá conscientemente. Algo está por acontecer. Será que é essa a hora que vou finalmente encontrá-lo? Sim, o criador dos mundos, a origem das origens, o barbudo sentado no trono. Isso eu quero ver. É uma pessoa? Seria homem? Androgino? Hei de descobrir. Uma mistura de luz, som e calor me sobrevém repentinamente. Chegou a hora. Vejo um vulto que não consigo distinguir, lá na parte mais alta, onde as nuvens se juntam em vórtice. Finalmente consigo identificar algo que parece humano, fico feliz em encontrar um que seja do meu tipo. Observo mais atentamente, sinto que há ali uma entidade. Concentro-me ao máximo e... sim! Ali está! Finalmente. Emocioño-me por vislumbrar Aquele que é o Alfa e o Ômega. Um grau de satisfação percorre meu ser inteiro com um lampejo e... um momento. Há algo errado: ele tem quatro braços. Não é possível. Esperava algo diferente, mas quem sou eu, espírito errante estulto, para confrontar O Grande Arquiteto dos Mundos? Ah, sim, agora o reconheço - é Shiva, o Destruidor, ele é quem está por trás de tudo isso. Luminoso, azulado e com três olhos, ele se senta em lótus e de sua cabeça emana todo o plasma em que estou mergulhado. Os indianos estavam certos. No placar, um a zero para o hinduísmo. Muito bem até aí, mas... e as outras religiões, estavam todas erradas esse tempo todo? Onde estão os doze deuses do Olimpo? Buda, Maomé, Osíris, Zaratustra? Procuro me deslocar como posso nesse estado da matéria que não consigo explicar e vou me aproximando. À medida que chego mais perto, algo estranho acontece: as formas começam a se transformar, a se derreter, e algo novo pode surgir. Talvez seja essa uma lição da busca da compreensão divina: quanto mais próximo, menos dá-se a entender e, contudo, mais se sente como presença.

Nesse estado em que me encontro, quanto mais tento abordar essa divindade, mais pareço me afastar. As leis do espaço newtonianas não funcionam por aqui. De um momento para outro, aquela figura se distorce, à medida que a tento fitar, para se transfigurar em algo completamente inesperado. As formas dançam para cá e para lá, enquanto eu, mendigo do conhecimento, vou tentando identificar quem ou o que é aquilo. No fim das contas, percebo que ainda não consegui me livrar completamente daquele humanoide que outrora sulcava a Terra, e por isso ainda tenho necessidade de nomear, ver, estabelecer limites, delinear. Maldição! Minha tendência de classificação das coisas é meu ergástulo. Que mania essa a de querer aprisionar o que penso em conceitos e

assenthar-se do que vejo em formas. Sinto que se eu quiser dar um passo avante vou ter que me livrar dessas cargas. Mas como, se de alguma maneira ainda carrego o primata dentro de mim? Os pedaços de fluxos continuam se juntando e de repente percebo dois palitos, digamos que duas hastes. Elas se sobrepõem... espere um momento... sim, é uma cruz! Ela simplesmente paira, lá em cima, soberana. É ele! O nazareno, o crucificado! Muito bem, ponto para os cristãos, agora sim tudo faz sentido. Quanto mais me esforço, mais vejo o seu rosto ensanguentado, os espinhos lhe cravando a fronte. Os braços abertos evidenciam o crime cometido contra o inocente, pregado em um poste, os estigmas gotejando, o tórax perfurado. Por que tanto sofrimento? Reflito se todos os tormentos infligidos seriam necessários, sendo que não merecia tamanha tortura. Mas não sou eu quem escreve a história, talvez ela nos escreva. Os fatos acontecem, enquanto eu encontro paz quando aprendo que não posso mudar o meu redor e deparo-me com a sabedoria quando entendo que a maior transformação se dá no meu interior. *Ecce homo*: sua imagem me faz pensar sobre todos os aspectos da vida. Absorto nesses pensamentos, delirado com tudo o que está se passando, estou à deriva. Aceito o que quer que seja desse cardápio gratuito. Em um instante, a cruz começa a se distorcer. Não! Achei que finalmente tivesse encontrado o Altíssimo. “Fica aí como estás, não te movas, permanece assim”, tento esbravejar revoltado. Mas o espetáculo continua, as linhas que definiam o lenho judeu do suplício começam a se derreter e adotar novos formatos.

As curvas vêm e vão, dançando em traçados bordando o que parece ser uma figura humana, porém como se o vento a levasse, torna a se liquefazer e transmutar. Quero de todo o coração identificar uma forma, e só o que vejo são miragens. Quiçá todo esse emaranhado não seja a metáfora da vida, em que a única firmeza que temos é de que tudo muda? Que se os sóis nunca param, giram e se contorcem, quem é o homem para dizer com autoridade que possui um “eu” que se distingue dos outros? A constante evolução é, em si, o resumo da existência. E não só entender, mas incorporar a ideia de que nada permanece deveria nos tranquilizar, e não encorajar, pois em um estado de equanimidade não agonizamos estacionários, imaginando que coisas boas duram para sempre ou que, de igual forma, eventos ruins são eternos. Distraio-me com tais divagações e torno a contemplar os fios de neblina e luz que vão compondo novos e novos semblantes, contornos, todavia sem chegar a concluir nenhum. No silêncio rumoroso de formas que se sobrepõem decido olhar para o lado. Vejo ao longe algo diferente, sombrio, com muitos relâmpagos. Afasto-me, então, da esfera de luz para olhar aquele fenômeno.

Trata-se de uma tempestade. Ela aterroriza com todos os seus iníquos instrumentos: vendaval, raios, escuridão, trovões. Sinto que observo esse evento atmosférico de modo diverso agora, com uma certa compreensão, talvez compaixão. Nesse momento me dou conta que fui “contaminado” pela Bola de Luz, e que uma vez em contato com ela passei a ver os entornos de modo novo, iridescente. Pergunto-me se eu poderia, quando ainda era um vertebrado vivo, ter acesso a essa vivificação. Quando somos invadidos por uma ideia, ela se torna nossa maneira de ver o mundo, enquanto dispensam-se os olhos e emana o pensamento como intérprete das coisas. Torno a retratar com paciência e clareza aquele temporal. Depois que voltei da esfera, vejo manifestações outrora julgadas iníquas por mim como simples seres que vagam. Se cai o véu dos juízos de valor, consigo contemplar. Sim, porque barreiras cegam; o campo aberto traz clareza. Algo me diz que a bola luminosa já estava dentro de mim. Latente, ela espreitava; serena, vigiava. Então analiso aquelas nuvens negras, ameaçadoras, os pingos d’água que por vezes se transsubstanciam em granizo, cada facho oriundo de um estrénuo relampejar. Tudo é motivo para encantamento. Quando perdemos a capacidade de nos maravilhar perante o episódio mais simples da natureza, é porque nos desgarramos da esfera de luz, aquela instância superior que habita em nós e que faz enxergar todo e qualquer ente como se deve: não há julgamentos, apenas circunstâncias.

Eu observo a tempestade enquanto vou retornando à luz. Finalmente parece que vou descansar. Meu corpo fluídico começa a se diluir em um feliz despedaçar. Com leveza, satisfação e encanto, me desfaço. Ascendo. Em meu último momento de consciência, torno a olhar a tempestade.

Já não tenho mais medo de dias nublados: ora carrego o sol dentro de mim.

